

SÉRIE DE E-BOOKS & E-DOCUMENTOS

ZOONIMIA
HISTÓRICO-COMPARATIVA BANTU:
Os Cinco Grandes Herbívoros Africanos



JOANE DE LIMA SANTIAGO

2013 - número 5

Revista Eletrônica Língua Viva,
Site: <http://www.revistalinguaviva.unir.br> . E-mail: revistalinguaviva@gmail.com

EDITORES

Jean-Pierre Angenot, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Brasil
Dante Ribeiro da Fonseca, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Brasil
Luciano Leal da Costa Lima, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Brasil

EDITOR DE SEÇÃO E DO LAYOUT

Luciano Leal da Costa Lima, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Brasil

DIRETOR GERAL

Jean-Pierre Angenot, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Brasil

PRESIDENTE DO CONSELHO EDITORIAL

Geralda de Lima Vitor Angenot, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Angel Humberto Corbera Mori, Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Carlos Filipe Guimarães Figueiredo, Universidade de Macau, China
Catherine Barbara Kempf, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Brasil
Daniel Mutombo Huta-Mukana, Centro de Estudo de Linguística Teórica e Aplicada, Kinshasa, R. D. Congo
Daniele Marcelle Grannier, Universidade Federal de Brasília, Brasil
Dante Ribeiro da Fonseca, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Brasil
Francesc Queixalós, EScOM-FMSH, Paris, França
Geralda de Lima Vitor Angenot, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Brasil
Jacky Maniacky, Museu Real da África Central, Tervuren, Bélgica
Jean-Pierre Angenot, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Brasil
Lucy Seki, Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Marci Fileti Martins, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Brasil
Marco Antônio Domingues Teixeira, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Brasil
Maria do Socorro Pessoa, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Brasil
Maud Devos, Universidade de Leiden, Holanda & Museu Real da África Central, Tervuren, Bélgica
Odette Ambouroue, Centro Nacional da Pesquisa Científico - CNRS, Paris, França
Valteir Martins, Universidade Estadual do Amazonas, Brasil
Zoraide dos Anjos Gonçalves da Silva, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Brasil
Willem Adelaar, Universidade de Leiden, Holanda
Willem Leo Wetzels, Universidade Livre de Amsterdam, Holanda

ENDEREÇO DA REVISTA

Luciano Leal da Costa Lima
Mestrando em História
Universidade Federal de Rondônia
Telefone: (69) 8406-3680
E-mail: revistalinguaviva@gmail.com
ISSN: 2237-980

SUMÁRIO

PROLEGÔMENOS	16
1.1 Abordagem do Problema	17
1.2. Construções de hipóteses.....	18
1.3. Justificativa	19
1.4. DEFINIÇÃO DE OBJETIVOS.....	19
1.4.1. Objetivo geral	19
1.4.2. Objetivos específicos	19
CAPÍTULO I: OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS PIONEIROS DAS LÍNGUAS BANTU	21
1.1. PIONEIROS NOS ESTUDOS DAS LÍNGUAS BANTU.....	22
1.1.1. W.H.I.Bleek (1827-1875)	22
1.1.2. Carl Meinhof (1857-1944).....	22
1.1.3. Malcon Guthrie (1903- 1972).....	23
1.1.4. Achille E. Meeussen (1912-1978)	24
1.1.5. Joseph Greenberg (1963).....	24
1.1.6. Outros linguístas fundadores da bantuística.....	25
CAPÍTULO II: CONTEXTUALIZAÇÃO DAS LÍNGUAS BANTU.....	27
2.1.1. Línguas Aglutinantes.....	28
2.1.2. Línguas Isolantes.....	29
2.1.3. Línguas Flexionais.....	29
2.2. SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA NA ÁFRICA.....	29
2.2. 1. Origem das línguas bantu	34
2.2.2. Localização geográfica das línguas bantu	37
2.2.3. Características dos nomes nas línguas bantu	38
2.2.4. Classificação genética e tipológica	40
2.2.5. Classes de prefixos	43
2.2.6. Os tons	46
CAPÍTULO III: DELIMITAÇÃO DE ESTUDO E EMBASAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO	47
3.1. BANTU “ <i>STRICTU SENSU</i> ” E BANTU “ <i>LATO SENSU</i> ”.....	48
3.2. LINGÜÍSTICA HISTÓRICO-COMPARATIVA.....	49
3.2.1. Mudanças linguísticas	50
3.2.2. Mudanças fonéticas.....	51
3.2.3. Método Histórico-Comparativo	52
3.3. METODOLOGIA.....	53
CAPÍTULO IV: OS DADOS	56
1.ELEFANTE.....	57

4.1.1. Localização geográfica:.....	58
4.1.3. Corpus de dados levantado.....	60
4.1.4. REFLEXOS DO ÉTIMO PROTO-BANTU * [ʔɕògù]	91
4.1.5. REFLEXOS DO ÉTIMO ** [ʔtɛᵐbɔ]	98
4.1.6. REFLEXOS DO ÉTIMO PRÉ-BANTU ORIENTAL ** [ʔɕaᵐba]	100
4.1.7. REFLEXOS DO ÉTIMO PRÉ-BANTU CENTRO-NORTISTA ** [ʔbɔᵐgɔ]	102
4.1.8. COGNATOS PRESUMIDOS PARA [ʔpuᵐbu, ...]	103
4.1.9. COGNATOS PRESUMIDOS PARA : [ɪʒuᵐgʷa, ...]	104
4.1.10. Cognatos presumidos para: [ʔpɔlɔ, ...]	105
4.1.11. Agrupamentos menores de cognatos	106
2. BÚFALO	109
4.2.1. Localização geográfica.....	110
4.2.2. Reconstruções etimológicas.....	111
4.2.3. Corpus de dados levantado.....	111
4.2.4. REFLEXOS DO ÉTIMO PROTO-BANTU * [ʔɕátí]	126
4.2.5. REFLEXOS DO ÉTIMO PROTO-BANTU * [ʔbògɔ]	129
4.2.6. REFLEXOS DO ÉTIMO PROTO-BANTU * [ʔpàkàtʃà]	131
4.2.6. REFLEXOS DO ÉTIMO PROTO-BANTU ** [ʔgɔᵐbɔ]	133
4.2.7. Agrupamentos menores de cognatos e formas isoladas	134
3. GIRAFA	139
4.3.1. Localização geográfica.....	140
4.3.2. Reconstruções etimológicas.....	140
4.3.3. Corpus de dados levantados	141
4.3.4. REFLEXOS DO ÉTIMO PROTO-BANTU * [ʔtʷɪ:gà]	149
4.3.5. REFLEXOS DO ÉTIMO PROTO-BANTU ** [ʔbatʃɛ]	151
4.3.6. REFLEXOS DO ÉTIMO PROTO-BANTU ** [ʔdudɪ]	152
4.3.7. Cognatos presumidos para [tutʷa]	154
4.3.8. Cognatos presumidos para [kataᵐti]	155
4.3.9. Agrupamentos menores e formas isoladas	155
4. RINOCERONTE	158
4.4.1. Localização geográfica.....	159
4.4.2. Reconstruções etimológicas.....	160
4.4.3. Corpus de dados levantados	160
4.4.4. REFLEXOS DO ÉTIMO PROTO-BANTU * [ʔpédà]	164
4.4.5. REFLEXOS DO ÉTIMO PROTO-BANTU * [ʔpaᵐda]	165
4.4.6. REFLEXOS DO ÉTIMO PROTO-BANTU DE [ʔpeᵐbele]	166
4.4.7. Cognatos presumidos para [ʔkura]	167
4.4.8. Agrupamentos menores e formas isoladas	168

5. HIPOPÓTAMO.....	171
4.5.2. Reconstrução etimológica.....	172
4.5.3. Corpus de dados levantados	172
4.5.4. REFLEXOS DO ÉTIMO PROTO-BANTU * [^h gùbú]	179
4.5.5. REFLEXOS DO ÉTIMO PROTO-BANTU * [^m bògó] cf. BÚFALO 3	182
4.5.6. Agrupamentos menores e formas isoladas	183
CAPÍTULO V: FONÉTICA HISTÓRICA.....	187
5.1. PRÉ-NASALIZAÇÃO DE OCLUSIVA ORAL E PÓS-ORALIZAÇÃO DE OCLUSIVA NASAL.....	188
5.2. REGRAS ORDENADAS.....	189
5.2.1. Alongamento vocálico e pré-nasalização da consoante obstruente oral:	190
5.2.2. Pós-oralização da consoante obstruente oral pré-nasalizada, na condição que seja sonora	191
5.2.3. Reoralização completa da consoante obstruente pré-nasalizada, na condição que seja surda	192
5.2.4. Nasalização completa da consoante obstruente nasal pós-oralizada sonora..	193
5.3. ESPIRANTIZAÇÃO	194
5.4. PALATALIZAÇÃO DO "OVERLAP" INTERSEGMENTAL FRICATIVO ASPIRADO	197
5.5. ALVEOLARIZAÇÃO DE OCLUSIVA AFRICADA PÓS-ALVÉOLAR	199
5.6. ESPIRANTIZAÇÃO DA FASE MEDIAL (<i>tenue</i>) DA OCLUSIVA AFRICADA ALVEOLAR	200
5.7. * [^h ɕògù] : DERIVAÇÕES INTERSILÁBICAS.....	201
5.7.1. PRIMEIRA SÍLABA DO TEMA:.....	201
5.7.2. SEGUNDA SÍLABA DO TEMA:	204
5.7.3. PROCESSOS DE MUDANÇA DIACRÔNICA.....	207
5.7.3.1. Sequência pn + c ₁ do radical	207
5.7.3.2. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexical:.....	207
5.7.3.3. CONSOANTE C ₂ DO RADICAL.....	212
5.7.3.4. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexical:.....	212
5.7.3.5. VOGAIS V ₁ E V ₂ DO RADICAL	214
5.7.3.6. Amostra de derivações diacrônicas:	215
5.8. ** [^h tɛ: ^m bɔ] : DERIVAÇÕES INTERSILÁBICAS	216
5.8.1. PRIMEIRA SÍLABA DO TEMA:.....	216
5.8.2. SEGUNDA SÍLABA DO TEMA:	216
5.8.3. PROCESSOS DE MUDANÇA DIACRÔNICA.....	217
5.8.3.1. Sequência pn + c ₁ do radical	217
5.8.3.2. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexical:.....	217
5.8.3.3. CONSOANTE C ₂ DO RADICAL.....	218

5.8.3.4. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:.....	218
5.8.3.4.V ₁ E V ₂ DO RADICAL.....	218
5.9. ** [^ɲ ɕa:ᵐba] : DERIVAÇÕES INTERVOCÁLICAS.....	219
5.9.1. PRIMEIRA SÍLABA DO TEMA:.....	219
5.9.2. SEGUNDA SÍLABA DO TEMA:	220
5.9.3. PROCESSOS DE MUDANÇA DIACRÔNICA.....	220
5.9.3.1. Sequência pn + c ₁ do radical	220
5.9.3.2. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:	221
5.9.3.3. CONSOANTE C ₂ DO RADICAL.....	222
5.9.3.4. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:	222
5.9.3.5. VOGAIS V ₁ E V ₂ DO RADICAL.....	222
5.10. ** [^ᵐ bɔ:ᵑgɔ] : DERIVAÇÕES INTERVOCÁLICAS	223
5.10.1. PRIMEIRA SÍLABA DO TEMA:.....	223
5.10.2. SEGUNDA SÍLABA DO TEMA:.....	223
5.10.3. PROCESSOS DE MUDANÇA DIACRÔNICA.....	223
5.10.3.1. Sequência pn + c ₁ do radical	223
5.10.3.2. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:.....	224
5.10.3.4. CONSOANTE C ₂ DO RADICAL.....	224
5.10.4. VOGAIS V ₁ E V ₂ DO RADICAL.....	224
5.11. * [^ɲ ɕáti] : DERIVAÇÕES INTERSILÁBICAS	225
5.11.1. PRIMEIRA SÍLABA DO TEMA:.....	225
5.11.2. SEGUNDA SÍLABA DO TEMA:.....	226
5.11.3. PROCESSOS DE MUDANÇA DIACRÔNICA.....	227
5.11.3.1. Sequência pn + c ₁ do radical	227
5.11.3.2. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:	227
5.11.3.2. CONSOANTE C ₂ DO RADICAL.....	228
5.11.3.3. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:	228
5.12.3. PROCESSOS DE MUDANÇA DIACRÔNICA.....	232
5.12.3.1. Sequência pn + c ₁ do radical	232
5.12.3.2. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexical:	232
5.12.3.3. CONSOANTE C ₂ DO RADICAL.....	233
5.12.3.4. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:	233
5.12.3.4. V ₁ E V ₂ DO RADICAL.....	234
5.13.** [^ᵐ pàkàtʃà] : DERIVAÇÕES INTERVOCÁLICAS	235
5.13.1. PRIMEIRA SÍLABA DO TEMA:.....	235
5.13.2. SEGUNDA SÍLABA DO TEMA:.....	235
5.13.3. TERCEIRA SÍLABA DO TEMA:	236
5.13.4. PROCESSOS DE MUDANÇA DIACRÔNICA.....	236

5.13.4.1. Sequência pn + c ₁ do radical	236
5.13.4.2. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:.....	236
5.13.4.3. CONSOANTE C ₂ DO RADICAL.....	237
5.13.4.4. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:	237
5.13.4.5. CONSOANTE C ₃ DO RADICAL.....	238
5.13.4.6. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:.....	238
5.13.4.7.V ₁ , V ₂ E V ₃ DO RADICAL.....	238
5.14.** [ʔgɔːmbɔ] : DERIVAÇÕES INTERVOCÁLICAS	240
5.14.1. PRIMEIRA SÍLABA DO TEMA:.....	240
5.14.2. SEGUNDA SÍLABA DO TEMA:.....	240
5.14.3. PROCESSOS DE MUDANÇA DIACRÔNICA.....	241
5.14.3.1. Sequência pn + c ₁ do radical	241
5.14.3.2. Regra do componente lexical e processos do componente lexicais:.....	241
5.14.3.3.CONSOANTE C ₂ DO RADICAL.....	242
5.14.3.4. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:.....	242
5.14. 4. V ₁ E V ₂ DO RADICAL.....	242
5.15.* [ʔtʷiːgà] : DERIVAÇÕES INTERVOCÁLICAS	243
5.15.1. PRIMEIRA SÍLABA DO TEMA:.....	243
5.15.2. SEGUNDA SÍLABA DO TEMA:.....	244
5.15.3. PROCESSOS DE MUDANÇA DIACRÔNICA.....	245
5.15.3.1. Sequência pn + c ₁ do radical	245
5.15.3.2. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:.....	245
5.15.3.3. CONSOANTE C ₂ DO RADICAL.....	247
5.15.3.4. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:.....	247
5.15.3.5.VOGAIS V ₁ E V ₂ DO RADICAL	248
5.16.** [mbatʃɛ] : DERIVAÇÕES INTERVOCÁLICAS.....	249
5.16.1. PRIMEIRA SÍLABA DO TEMA:.....	249
5.16.2. SEGUNDA SÍLABA DO TEMA:.....	249
5.16.3. PROCESSOS DE MUDANÇA DIACRÔNICA.....	250
5.16.3.1. Sequência pn + c ₁ do radical	250
5.16.3.2. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:.....	250
5.16.3.4. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:.....	251
5.16.3.5. V ₁ E V ₂ DO RADICAL.....	251
5.17. ** [ndɔɖɪ] : DERIVAÇÕES INTERVOCÁLICAS	252
5.17.1. PRIMEIRA SÍLABA DO TEMA:.....	252
5.17.2. SEGUNDA SÍLABA DO TEMA:.....	252
5.17.3. PROCESSOS DE MUDANÇA DIACRÔNICA.....	253
5.17.3.1. Sequência pn + c ₁ do radical	253

5.17.3.2. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:.....	253
5.17.3.3. CONSOANTE C ₂ DO RADICAL.....	254
5.17.3.4. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:.....	254
5.17.3.5. VOGAIS V ₁ E V ₂ DO RADICAL.....	254
5.18. ** [^ᵐ tut ^w a] : DERIVAÇÕES INTERVOCÁLICAS	255
5.18.1. PRIMEIRA SÍLABA DO TEMA:.....	255
5.18.2. SEGUNDA SÍLABA DO TEMA:.....	255
5.19. * [^ᵐ pédà] : DERIVAÇÕES INTERVOCÁLICAS	256
5.19.1. PRIMEIRA SÍLABA DO TEMA:.....	256
5.19.2. SEGUNDA SÍLABA DO TEMA:.....	256
5.19.3. PROCESSOS DE MUDANÇA DIACRÔNICA.....	257
5.19.3.1. Sequência pn + c ₁ do radical	257
5.19.3.2. Regra do componente lexical e processos do componente e pós-lexicais: ..	257
5.19.3.4. CONSOANTE C ₂ DO RADICAL.....	258
5.19.3.5. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:.....	258
5.19.4. VOGAIS V ₁ E V ₂ DO RADICAL	258
5.20. * [^ᵐ pa: ⁿ da] : DERIVAÇÕES INTERVOCÁLICAS.....	259
5.20.1. PRIMEIRA SÍLABA DO TEMA:.....	259
5.20.2. SEGUNDA SÍLABA DO TEMA:.....	259
5.20.3. PROCESSOS DE MUDANÇA DIACRÔNICA.....	259
5.20.3.1. Sequência pn + c ₁ do radical	259
5.20.3.2. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:.....	260
5.20.3.3. CONSOANTE C ₂ DO RADICAL.....	260
5.20.3.4. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:.....	260
1. Permanência de oclusiva alveolar oral pré-nasalizada sonora.....	260
5.21.1. PRIMEIRA SÍLABA DO TEMA:.....	261
5.21.2. SEGUNDA SÍLABA DO TEMA:.....	261
5.21.3. TERCEIRA SÍLABA DO TEMA:	261
5.21. * [^ᵐ gùbú] : DERIVAÇÕES INTERVOCÁLICAS	262
5.21.1. PRIMEIRA SÍLABA DO TEMA:.....	262
5.21. 2. SEGUNDA SÍLABA DO TEMA:.....	263
5.21.3.1. Sequência pn + c ₁ do radical	264
5.21.3.2. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:.....	264
5.21.3.3. CONSOANTE C ₂ DO RADICAL.....	265
5.21.3.4. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:.....	265
5.21.3.5. VOGAIS V ₁ E V ₂ DO RADICAL	267
5.22. * [^ᵐ bògú] : DERIVAÇÕES INTERVOCÁLICAS Cf. BÚFALO 3.....	268
5.22.1. PROCESSOS DE MUDANÇA DIACRÔNICA.....	268

5.22.1.2. Sequência pn + c ₁ do radical	268
5.22.1.3. Regra do componente lexical e processos do componente pós-lexicais:.....	268
5.22.1.5. CONSOANTE C ₂ DO RADICAL.....	268
5.22.1.6.VOGAIS V ₁ E V ₂ DO RADICAL	269
6.1. ELEFANTE.....	270
6.2. BÚFALO	275
PROJEÇÕES PARA O FUTURO	276
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS GERAL.....	278

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1: Niger–Congo e Subdivisões
Mapa 2: Família de Línguas da África
Mapa 3: Expansão bantu
Mapa 4: Localização das línguas bantu
Mapa 5: Zonas e Grupos Lingüísticos
Mapa 6. Línguas Grassfields bantu
Mapa 7: Distribuição geográfica do elefante da savana
Mapa 8: Distribuição geográfica do elefante da floresta
Mapa 9: Zona A
Mapa 10: Zona B
Mapa 11: Zona C
Mapa 12: Zona D
Mapa 13: Zona E
Mapa 14: Zona F
Mapa 15: Zona G
Mapa 16: Zona G: Área do Swahili
Mapa 17: Zona H
Mapa 18: Zona J
Mapa 19: Zona K
Mapa 20: Zona L
Mapa 21: Zona M
Mapa 22: Zona N
Mapa 23: Zona de P
Mapa 24: Zona R
Mapa 25: Zona S
Mapa 26: Distribuição linguística de * [^ɲ ɕògù]
Mapa 27: Distribuição linguística de ** [^ɲ te: ^m bo]
Mapa 28: Distribuição linguística ** [^ɲ ɕa: ^m ba]
Mapa 29: Distribuição linguística ** [^m bo: ^ɲ go]
Mapa 30: Distribuição linguística [^m pu: ^m bu, ...]
Mapa 31: Distribuição linguística [iɜu: ^ɲ g ^w a, ...]

Mapa 32: Distribuição linguística [^ɱ polo, ...]
Mapa 33: Localização geográfica versus zonas linguísticas
Mapa 34: Distribuição geográfica do búfalo da savana
Mapa 35: Distribuição geográfica do búfalo da floresta
Mapa 36: Distribuição linguística para * [^ɲ ʒátí]
Mapa 37: Distribuição linguística para * [^ɱ bògɔ]
Mapa 38: Distribuição linguística para * [^ɱ pàkàtʃà]
Mapa 39: Distribuição linguística para ** [^ɲ ɡɔ ^ɱ bɔ]
Mapa 40: Localização geográfica versus zonas linguísticas
Mapa 41: Distribuição geográfica da girafa
Mapa 42: Distribuição linguística para * [^ɲ tùìgà]
Mapa 43: Distribuição linguística para ** [^ɱ batʃe]
Mapa 44: Distribuição linguística para ** [^ɲ dodɪ]
Mapa 45: Distribuição linguística para [tut ^w a]
Mapa 46: Distribuição linguística para [kata ^ɲ ti]
Mapa 47: Localização geográfica versus zonas linguísticas
Mapa 48: Distribuição geográfica do rinceronte preto
Mapa 49: Distribuição geográfica do rinoceronte branco
Mapa 50: Distribuição linguística dos reflexos [^ɱ pédà]
Mapa 51: Distribuição linguística dos reflexos * [^ɱ pa: ^ɲ da]
Mapa 52: Distribuição linguística dos reflexos [^ɱ pe: ^ɱ bele]
Mapa 53: Distribuição linguística dos reflexos [ʔkura]
Mapa 54: Localização geográfica versus zonas linguísticas
Mapa 55: Distribuição geográfica do hipopótamo
Mapa 56: Distribuição linguística dos reflexos * [gùbó]
Mapa 57: Distribuição linguística dos reflexos * [^ɱ bògɔ]
Mapa 58: Localização geográfica versus distribuição linguística
Mapa 59: Línguas grassfields
Quadro 1: Fundadores da bantuística
Quadro 2: Árvore Genealógica do Filo Niger-Congo.
Quadro 3: Línguas Grassfields bantu
Quadro 4: Classes de prefixos do Proto-bantu
Quadro 5: Zonas e grupos para * [^ɲ ʒègù]
Quadro 6: Reflexos * [^ɲ ʒègù]
Quadro 7: Zonas e grupos para ** [^ɲ te: ^ɱ bɔ]

Quadro 8: Reflexos ** [^ᵐ teᵐbɔ]
Quadro 9: Zonas e grupos para ** [^ᵐ ɕaᵐba]
Quadro 10: Reflexos ** [^ᵐ ɕaᵐba]
Quadro 11: Zonas e grupos para ** [^ᵐ bɔᵐgɔ]
Quadro 12: Refelexos ** [^ᵐ bɔᵐgɔ]
Quadro 13: Zonas e grupos para [^ᵐ puᵐbu, ...]
Quadro 14: Cognatos presumidos para [^ᵐ puᵐbu, ...]
Quadro 15: Zonas e grupos para [iɜuᵐg ^w a, ...]
Quadro 16: Cognatos presumidos para [iɜuᵐg ^w a, ...]
Quadro 17: Zonas e grupos para [^ᵐ pɔɔ, ...]
Quadro 18: Cognatos presumidos para [^ᵐ pɔɔ, ...]
Quadro 19: Agupamentos menores e formas isoladas
Quadro 20: Zonas e grupos para * [^ᵐ ɕátí]
Quadro 21: Refelexos * [^ᵐ ɕátí]
Quadro 22: Zonas e grupos para * [^ᵐ bɔᵐgɔ]
Quadro 23: Reflexos * [^ᵐ bɔᵐgɔ]
Quadro 24: Zonas e grupos para * [^ᵐ pàkàtɕà]
Quadro 25: Reflexos * [^ᵐ pàkàtɕà]
Quadro 26: Zonas e grupos para ** [^ᵐ gɔᵐbɔ]
Quadro 27: Reflexos ** [^ᵐ gɔᵐbɔ]
Quadro 28 : Outros agrupamentos menores para búfalo
Quadro 29: Reflexos * [^ᵐ t ^w iᵐgà]
Quadro 30: Reflexos * [^ᵐ t ^w iᵐgà]
Quadro 31: Zonas e grupos para ** [^ᵐ batɕe]
Quadro 32 : Reflexos de ** [^ᵐ batɕe]
Quadro 33 : Zonas e grupos para ** [^ᵐ dɔdɪ]
Quadro 34 : Reflexos de ** [^ᵐ dɔdɪ]
Quadro 35: Zonas e grupos para [tut ^w a]
Quadro 36 : Cognatos presumidos [tut ^w a]
Quadro 37: Zonas e grupos para [kata ^ᵐ ti]
Quadro 38 : Cognatos presumidos [kata ^ᵐ ti]
Quadro 39: Agrupamentos menores
Quadro 40 : Zonas e grupos para * [^ᵐ pédà]
Quadro 41: Reflexos de * [^ᵐ pédà]

Quadro 42: Zonas e grupos para * [^m pa:ⁿda]
Quadro 43: Reflexos de * [^m pa:ⁿda]
Quadro 44: Zonas e grupos para [^m pɛ:ᵐbeɛ]
Quadro 45: Reflexos de [^m pɛ:ᵐbeɛ]
Quadro 46: Zonas e grupos para [^ɰ kura]
Quadro 47: Cognatos presumidos [^ɰ kura]
Quadro 48: Agrupamentos menores
Quadro 49: Zonas e grupos para * [gùbú]
Quadro 50: Reflexos de * [gùbú]
Quadro 51: Zonas e grupos para * [^m bògó]
Quadro 52: Reflexos de * [^m bògó]
Quadro 53 : Outras formas isoladas para hipopótamo
Quadro 54: Recapitulação dos reflexos por zonas
Quadro 55: Sistema Vocálico do PB
Gráfico 1: Recapitulação dos reflexos para elefante
Gráfico 2: Recapitulação dos reflexos para búfalo
Gráfico 3: Recapitulação dos reflexos para girafa
Gráfico 4: Recapitulação dos reflexos para rinoceronte
Gráfico 5: Recapitulação dos reflexos para hipopótamo
Organograma 1: Estruturas Nominal das línguas bantu
Fig.1: Trapézio divisão das Línguas da África
Fig. 2: Rosa dos ventos
Fig. 3: Loxodonta Africana
Fig. 4: Loxodonta Cyclotis
Fig. 5: Syncerus caffer
Fig.6: Syncerus caffer nanus
Fig. 7: Giraffa Camelopardalis
Fig. 8: Diceros bicornis
Fig. 9: Ceratotherium Simum
Fig. 10: Hippopotamidae amphibius
Árvore 1: Representação subjacente
Árvore 2: Alongamento Vocálico
Árvore 3: Pós-oralização
Árvore 4: Reoralização Completa
Árvore 5 : Nasalização Completa

Árvore 6: Transição do (<i>overlap</i>) intersegmental
Árvore 7: Espirantização
Árvore 8: Palatalização do <i>overlap</i> intersegmental
Árvore 9: Pós-alveolarização do <i>overlap</i> intersegmental
Árvore 10: Alveolarização
Árvore 11: Espirantização da fase medial da oclusiva

LISTA DE ABREVIACES

> torna-se
(>) suscetível de tornar-se
(↓) suscetível de torna-se nos quadros
< > forma intermdiaria não atestada
V = vogal
C = Consoante
PB = Proto-Bantu (<i>stricto sensu</i>)
PGOR = Proto Grassfields Bantu Oriental
PBOR = Proto-Bantu Oriental
PBOC = Proto-bantu Ocidental
PBCN = Proto-bantu Centro-Nortista
Limite de palavra
= Limite de morfema
~ Nasal flutuante
σ = Sílaba
μ = Mora
X = Unidade de “timing” (unidade abstrata que liga os segmentos)
R₁, R₂, R₃ = Sub-raízes da fase articulatória mediana
F_x = Traço indeterminado
* Reconstrução menos regional
** Reconstrução regional

PROLEGÔMENOS

Os primeiros estudos que foram feitos no âmbito da Etimologia, enquanto ciência, começaram com a preocupação de identificar as origens das palavras e para tanto os primeiros autores utilizaram métodos não tão evidentes e critérios estabelecidos por indução, o que tornava os trabalhos pouco confiáveis. Segundo VIARO (2011): “busca-se o étimo normalmente em palavras que se assemelham foneticamente ou em grupos de palavras, que se juntam numa composição hipotética. Nesse processo, diversos sons são acrescentados, subtraídos, transpostos ou transformados ao bel-prazer”. Porém, propor o étimo de um vocábulo não é um trabalho fácil, pois vários fatores intrínsecos e extrínsecos da própria língua devem ser observados, é por isso que em qualquer ciência o resultado final é sempre hipotético, contudo respaldado em regras e fundamentações teórico- metodológicas.

A dissertação baseia-se nas teorias da Linguística Histórica-Comparativa, que tem como fundamento primordial explicar a evolução das palavras de uma língua remontando no passado até as unidades lexicais mínimas chamadas de étimos¹, tem-se como objetivo principal fazer, através de análises comparativas um levantamento etimológico dos possíveis étimos e cognatos² para os nomes dos cinco grandes herbívoros africanos, que são: elefante, rinoceronte, hipopótamo, girafa e búfalo. O levantamento dos dados foram feitos através de pesquisas bibliográficas, mas uma parte dos dados foram cedidos pelo Museu Real de Tervuren, na Bélgica, o que enriqueceu de maneira significativa o trabalho.

A dissertação está organizada sistematicamente em 5 (cinco) capítulos, os quais nortearam as pesquisas, da seguinte maneira:

O **capítulo 1** sintetizará os autores pioneiros na bantuística e de outras obras que são relevantes para o estudo das línguas bantu, principalmente no que se refere aos critérios primários e secundários que foram utilizados para as primeiras classificações propostas, as quais serviram como embasamento teórico e metodológico para se desenvolver os trabalhos posteriores.

¹ Ver. Camara Jr, Mattoso, *Dicionário de Língua e Gramática*, (2002). Nome dado ao vocábulo latino, ou de outra origem, do qual proveio um certo vocábulo primitivo.

² São palavras que tem, etimologicamente, uma origem comum, ou seja, aparentadas nas formas e no sentido.

O **capítulo 2** preocupa-se em contextualizar precisamente à situação linguística na África, principalmente no que tange às línguas bantu, pelo fato delas serem numerosas e apresentarem características intrínsecas e estruturais, elas possuem um numeroso e rico sistema de prefixos classificatórios, e um relevante sistema tonal que tem papel fonológico e semântico.

O **capítulo 3**, preocupa-se em exemplificar a delimitação do estudo e também a metodologia que utilizamos para chegar aos grupos de cognatos e reflexos do proto-bantu.

O **capítulo 4**, abordará algumas características gerais dos cinco herbívoros africanos, exemplificando através de mapas seu habit natural, localização geográfica e lingüística. Apresentaremos também o corpus de dados coletados nas zonas e línguas africanas e ilustraremos em mapas e gráficos a distribuição dos reflexos atestados.

Por fim o **capítulo 5** é dedicado ao inventário das forma encontradas para denominar cada um dos cinco herbívoros. As formas foram elencados por zonas e procuramos explicar os grupos de cognatos e também analisar seus processos diacrônicos que foram estabelecidos através das regras de correspondências fonética/fonológicas. Apresentaremos os resultados alcançados, e teceremos nesse capítulo também as projeções futuras, bem como o que pretende-se fazer posteriormente a esse projeto.

1.1 Abordagem do Problema

A África é um continente extenso e populoso, por isso é normal que tenha uma grande diversidade linguística, étnica e cultural, o que vem despertando os interesses de muitos estudiosos e pesquisadores, inclusive dos linguístas, que tem a pretensão de estudar essas diversidades.

Esse grande continente, do ponto de vista linguístico, conta com um grande número de línguas e dialetos. Dentre essas línguas podemos destacar as línguas da Família bantu, que em sua totalidade são mais de 600 línguas, as quais tem características intrínsecas relevantes e peculiares.

Os estudos etimológicos aprimorados nessas línguas mostram que os possíveis étimos reconstruídos e atestados até hoje, foram agrupados sob a

denominação de Proto-bantu, a qual de acordo com as hipóteses foi falada aproximadamente há mais de 3000 anos atrás.

A problemática da pesquisa é evidenciar que os possíveis étimos existentes para os termos elefante, rinoceronte, hipopótamo, girafa e búfalo, evoluíram de forma regular em todas as línguas bantu. Buscamos resolver a problemática através de levantamentos e análises dos grupos de cognatos atestados para cada étimo nas várias línguas bantu documentadas, verificando as semelhanças entre os cognatos e os étimos (nas formas e nos sentidos), para assim analisar em quais aspectos ocorreram mudanças mais evidentes e ainda em que contextos encontram-se as formas mais regulares. Levar-se-á em consideração os vários fatores que contribuíram para essas possíveis evoluções ou mudanças linguísticas, como o contato prolongado dessas línguas com as outras zonas vizinhas no decorrer do tempo e sobretudo na época de colonização, o que possivelmente modificou as estruturas internas fonético-fonológicas (como tonicidade) e morfológicas (classificadores, infixos, etc.) das línguas em questão.

1.2. Construções de hipóteses

Sabe-se que todas as línguas estão em constantes processos de mudanças, sejam em sua forma ou em seus aspectos semânticos, embora os falantes, normalmente não tenham consciência disso. Esses processos de mudanças se explicam por vários fatores: fonéticos, fonológicos, morfológicos, semânticos e lexicais. Contudo, é normal que essas mudanças não acontecem de forma instantânea, mas sim, de uma maneira lenta, gradual e contínua. Por isso, com as línguas africanas não foi diferente, o contato linguístico resultou, não só em mudanças estruturais de algumas palavras, mas também, em empréstimos lexicais, alterando assim os léxicos, as estruturas gramaticais e sintáticas, que ocorrem em qualquer língua natural.

Portanto, fundamentada nesses fatos históricos, procura-se mostrar que certamente alguns étimos evoluíram. Nessas circunstâncias:

- Quais foram os aspectos que mais contribuíram para esses processos evolutivos dos étimos?
- Quais os segmentos ou regras de correspondências mais plausíveis ou regulares em cada contextos?

Enfim, os dados coletados provavelmente nos permitem evidenciar alguns processos evolutivos pelos quais passaram os cognatos atestados nas Línguas bantu pesquisadas até chegarem as formas atuais.

1.3. Justificativa

A dissertação justifica-se por apresentar relevância científica, pois contribui para os estudos relacionados às reconstruções etimológicas das línguas africanas, em particular das línguas bantu além de ser também um referencial teórico para estudos posteriores na área da Etnolinguística Africanista. Pois sabe-se que no Brasil é quase inexistente trabalhos dentro da linguística histórica-comparativa focalizando as línguas bantu, assim, o nosso trabalho despertar o interesse científico de outros pesquisadores mostrando que é possível desenvolver pesquisas com línguas da África estando aqui no Brasil. E ainda, como relevância social pretende-se contribuir dando visibilidade ao continente africano, mostrando o seu grande potencial cultural, ecológico, científico e sobretudo linguístico.

1.4. DEFINIÇÃO DE OBJETIVOS

1.4.1. Objetivo geral

- Analisar e identificar os possíveis cognatos para as lexias dos cinco grandes herbívoros africanos, separando-os por grupos, zonas linguísticas e regiões em que encontram-se, observando as características dos cognatos e as semelhanças com os étimos que já foram reconstruídos;
- Evidenciar os processos diacrônicos que derivaram os conjuntos dos reflexos que se oriundaram do Proto- bantu.

1.4.2. Objetivos específicos

- Levantar um número significativo de cognatos correspondentes para cada termo relacionado aos cinco grandes herbívoros, nas inúmeras línguas e zonas que constituem a Família bantu;

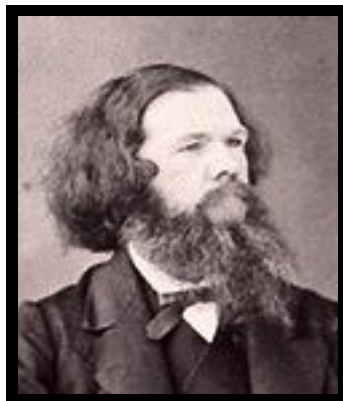
- Agrupar esses cognatos por regiões e zonas, observando o grau de cognicidade entre eles;
 - Verificar os cognatos que tem mais semelhanças com os étimos das palavras analisadas;
 - Comparar os étimos propostos pelos linguistas, para as várias formas encontradas e, se for o caso, propor também um outro étimo, que ainda não seja atestado na maioria das línguas;
 - Analisar as prováveis mudanças desses cognatos e verificar os fatores que mais contribuíram para suas evoluções;
- Contribuir de forma parcial ao Dicionário etimológico dos bantuísmos brasileiros,(projeto do MCL), com as análises dos cinco termos reconstruídos do Proto- bantu.

Enfim, pretende-se através de um número relevante de corpus, mostrar os reflexos encontrados em algumas línguas africanas que provavelmente se oriundaram e evoluíram do proto-bantu.

CAPÍTULO I: OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS PIONEIROS DAS LÍNGUAS BANTU

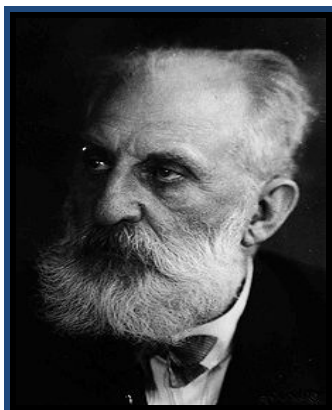
1.1. PIONEIROS NOS ESTUDOS DAS LÍNGUAS BANTU

1.1.1. W.H.I.Bleek (1827-1875)



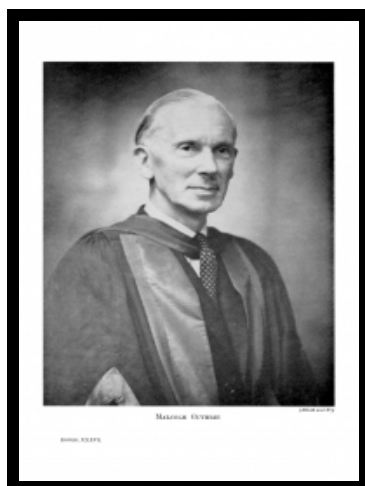
Considerado fundador da linguística bantuística, foi em sua obra *“Comparative Grammar of South African Languages”* publicada em (1862-1869) , que o termo “bantu” apareceu pela primeira vez em sentido linguístico, sendo o primeiro a reconhecer que as Línguas bantu tinham uma relação de proximidade com as línguas da Família Niger- Congo e Kongo- Kordofan. Os seus estudos comparativos em relação as várias línguas do Sul da África permitiram identificar que as línguas bantu tem características relevantes, ele mostrou que tem um grupo de línguas que apresentam características comuns e que elas têm relações entre si, assim, ele comprovou que nessas línguas existem um abrangente sistema de classes, com um certo número de pares singular/plural e denominou esse grupo de línguas como sendo bantu.

1.1.2. Carl Meinhof (1857-1944)



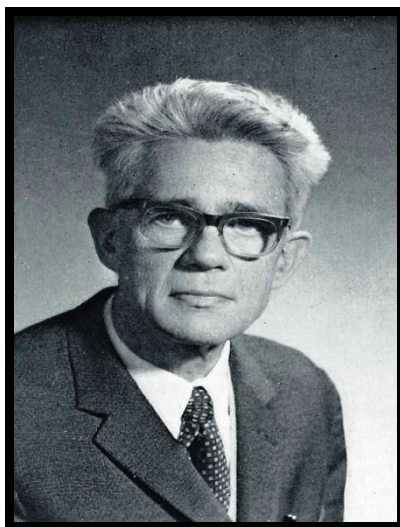
Linguísta alemão que trabalhou também com as línguas bantu, dentre seus trabalhos o mais notável foi a obra “*Comparative phonology*” em 1899 a qual desenvolveu os estudos comparativos sobre as línguas bantu, isso com base no trabalho pioneiro de *Bleek*. Meinhof olhou para o comum das línguas bantu para determinar semelhanças e diferenças e tentar reconstruir a morfologia das línguas bantu, baseando-se nos princípios aplicados para o indo-europeu. Meinhof analisou, também outras línguas africanas e com isso desenvolveu um abrangente sistema de classificação para as línguas africanas. Sua classificação foi padrão por muitos anos e depois foi substituído pelas propostas de Joseph Greenberg (1963).

1.1.3. Malcon Guthrie (1903- 1972)



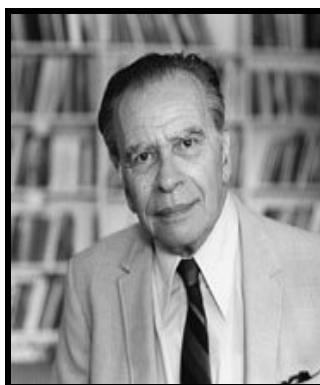
A contribuição de M. Guthrie, linguísta da London School of African Studies, para os estudos de classificação das línguas bantu foi e continua sendo essencial nos dias de hoje, dentre seus trabalhos o mais notável foi a obra “*The Classification of the Bantu Languages* (1948), nessa obra ele desenvolveu uma criteriologia afinadíssima para classificação das línguas ditas bantu. Seu modelo de classificação tipológica, o qual veremos mais adiante, ainda é muito utilizado nos dias de hoje , embora algumas zonas tenham sido revista pelo Museu de Tervuren.

1.1.4. Achille E. Meeussen (1912-1978)



Professor de Línguas Africanas e Fundador do Departamento de linguística do Musel Real da África Central- Tervuren, Bélgica, Meeussen deu grandes contribuições aos estudos bantuísticos, pois em suas obras trabalhou a questão de tonicidade nas línguas africanas, a partir de seus estudos surgiu a “**Regra Meeussen**”, que é o nome de um caso especial de *tom*. A alternância de tons que ele descreveu é a redução em alguns contextos do último tom de um padrão de dois tons adjacentes (HH), resultando no modelo (HL). Esse fenômeno recebeu o seu nome pois ele foi o primeiro observador dessa questão de tonicidade em relação a algumas palavras, e em fonologia, o fenômeno pode ser visto como um caso especial do “*Princípio de Contorno Obrigatório*”. Dentre suas obras podem-se destacar: *Bantu grammatical reconstructions* (BGR 1967) e *Bantu lexical reconstructions* (BLR 1969).

1.1.5. Joseph Greenberg (1963)



Em 1963 em sua obra *“Languages of Africa”*, esse linguísta estudou as línguas africanas e fez a divisão dessas línguas em Famílias maiores, isso baseada na sua proposta de classificação genética (interna). Essa classificação é fundamental sobretudo para os estudos genéticos das línguas africanas.

1.1.6. Outros linguístas fundadores da bantuística

Destacaram-se também, entre outros, os seguintes linguístas na construção da bantuística;

Quadro 1. FUNDADORES DA BANTUÍSTICA: DE BLEEK A MEEUSSEN

 Johann Ludwig Krapf (1810-1891)	 Henry Hare Dugmore (1810-1896)	 Gottlieb Viehe (1819-1901)
 <u>W.</u> Holman Bentley (1855-1905)	 Sir Harry H. Johnston (1858-1927)	 Heli Chatelain (1859-1907)



Cassius Spiss
(1866-1905)



Otto Dempwolff
(1871-1938)



Gustaaf Hulstaert
(1900-1990)



Gaston Van Bulck
(1903-1966)



Raphael H. Labaere
(1913-2003)

CAPÍTULO II: CONTEXTUALIZAÇÃO DAS LÍNGUAS BANTU

2.1. TIPOLOGIA DAS LÍNGUAS

Antes de introduzirmos alguns aspectos referentes às línguas africanas, é importante exemplificar como podem ser estruturadas tipologicamente as línguas do mundo, pois para reconstruir uma proto-língua é necessário antes de tudo conhecer a estrutura interna da língua, como os constituintes de juntam para compor as sentenças, pois estruturalmente as línguas são agrupadas de acordo com a presença ou ausência de certos traços fonéticos, fonológicos, morfológicos ou sintáticos. E foi utilizando-se critérios estruturais que surgiram as primeiras propostas de classificações tipológicas das línguas bantu.

Os primeiros estudos acerca da classificações estruturais e tipológicas tiveram início com os estudos de Adam Smith (1761) e somente depois do século XIX que se desenvolveram sobretudo na Alemanha. Esses estudos estruturais procuram descrever vários tipos linguísticos encontrados nas línguas, a partir de um único modelo estrutural.

Depois de muitos estudos concluiu que cada língua tem sua estrutura interna e características morfológicas relevantes, sendo assim, elas foram divididas por tipos e podem ser: Aglutinante (ex: as Línguas bantu), Isolante (por ex: Chinês) e Flexional (como o latim), sendo que nenhuma língua é puramente isso ou aquilo: trata-se de uma dominante (tal língua será essencialmente – mas não exclusivamente isso ou aquilo), que pode inclusive mudar no decorrer da história de uma língua (assim, podemos exemplificar essa situação da seguinte maneira: as línguas germânicas são flexionais, o inglês é uma língua germânica, mas não é flexional, pois ela perdeu quase todas essas as suas flexões devido aos fatores históricos.

2.1.1. Línguas Aglutinantes

Morfologicamente chama-se de Línguas aglutinantes aquelas onde a maioria das palavras são formadas pela aglutinação de morfemas, e cada morfema representa uma unidade significativa, para determinar por ex: os substantivos, o gênero, o diminutivo, plural, verbos, etc...), ou seja, os afixos se unem a raiz, porém mantendo a identidade fonológica dos morfemas. Como são os morfemas afixais que marcam essas categorias gramaticais é natural que nesse tipo de língua tenha um grande número de afixos, que geralmente se adicionam as raízes sem provocar e sem

sofrer mudanças morfológicas. Um exemplo claro de língua aglutinante são as línguas bantu que tem um sistema de classes prefixais riquíssimos que exercem tanto um papel morfológico quanto semântico.

2.1.2. Línguas Isolantes

As línguas isolantes são conhecidas também como línguas monossilábicas, pois diferente das outras elas não possuem flexão, são caracterizadas exclusivamente pela ausência de afixos. Geralmente as informações gramaticais expressas em línguas flexionais são expressas nas línguas isolantes por palavras invariáveis. Um exemplo nítido desse tipo de língua é o Chinês.

2.1.3. Línguas Flexionais

Nessas línguas ditas flexionais, os morfemas são representados por afixos, podendo modificar a raiz ou se concatenar com ela,, ou seja, essas línguas usam morfemas específicos, para marca o gênero, o número, etc. Embora uma língua seja aglutinante, isolante ou flexional, isso não quer dizer que elas não tenham algumas características estruturais das outras línguas.

Ainda no século XIX, o linguísta Edward Sapir (1921) propôs um refinamento a cerca dessas classificações, dividindo as línguas de acordo com parâmetros morfológicos e independentes; ele classificou as línguas da seguinte maneira: línguas analíticas sintéticas, polissindéticas, correspondentes as línguas aglutinantes, isolantes e flexionais.

2.2. SITUAÇÃO LINGUÍSTICA NA ÁFRICA

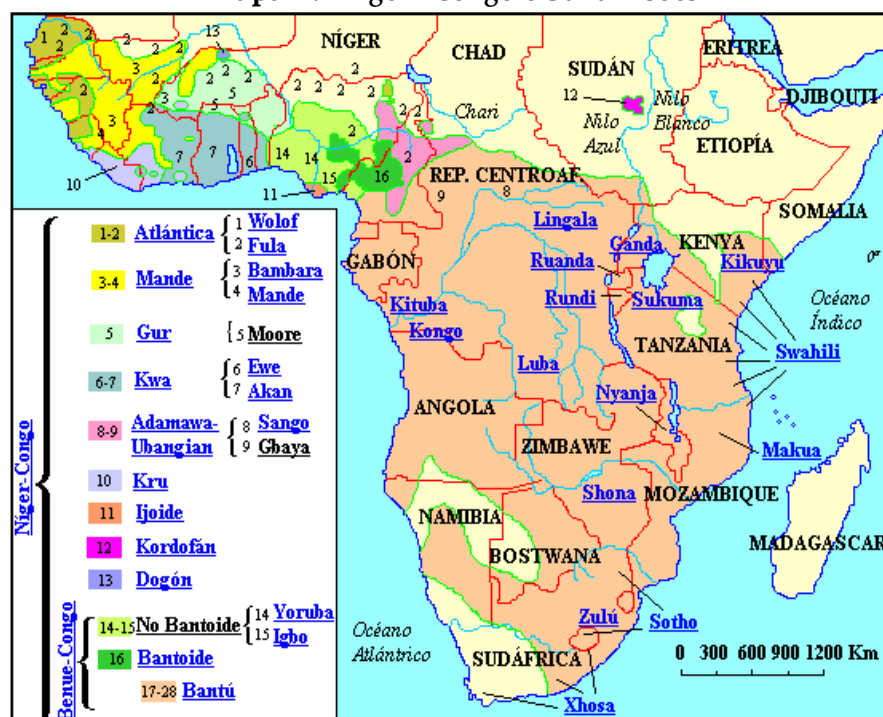
BENJAMIM SANTOS (2007:15) diz:

“A realidade linguística neste continente caracteriza-se pelo elevado número de línguas ainda não descritas, pela existência de línguas ameaçadas de extinção e pelo fato de as civilizações africanas privilegiarem a oralidade como meio de comunicação e de transmissão de seu saber tradicional. Esse contexto leva a investigação linguística africana transitar por objetivos que enfoquem desde a documentação e descrição de línguas à análise teórica propriamente dita. Trabalhos de ordem

lingüística no continente africano podem contribuir para um melhor entendimento das línguas, pois a descrição e análise de sistemas não conhecidos possibilitam a identificação de aspectos ainda não observados pela linguística como também podem subsidiar elaborações e/ou constatações teóricas. Trabalhos dessa ordem podem, especificamente, contribuir com a limitação da fronteira língua e dialeto no inventário das línguas africanas. Isto porque com estudos de variedades lingüísticas, algumas classificações já estabelecidas podem ser revistas, permitindo agrupamento ou separação de falares anteriormente considerados como línguas distintas ou como dialetos de uma mesma língua.”

De acordo com os estudos lingüísticos, na África há mais ou menos 1250 línguas distintas isso sem levar em conta o aspecto dialetal de cada uma delas, e dentro dessas temos as da família linguística bantu, que ocupam mais ou menos 3/5 de todo continente africano, sendo a maior família de línguas da África, tanto quanto ao número de falantes, quanto a área geográfica. Segundo GREENBERG, essas línguas provêm do tronco Benue-Congo do filo Niger-Congo, são línguas excessivamente ricas, além de terem algumas características próprias, como por exemplo, a presença dos prefixos classificadores e o papel intrínseco dos tons (**vide Mapa 1**). Essas línguas merecem uma atenção especial, não só por causa das suas particularidades, mas sobretudo porque os estudos lingüísticos já comprovaram que essas línguas influenciaram não só o português mas também muitas outras línguas, o que explica os africanismos atestados em vários países que tiveram contato com os negros provenientes de várias partes da África, no período de escravidão. Essas línguas também sofreram influências, principalmente na época da colonização, o que explica um caso particular de algumas línguas não serem tonais, ou seja algumas línguas perderam seus tons devido a influência de outros grupos étnicos no período de colonização europeia.

Mapa 1: Niger –Congo e Subdivisões



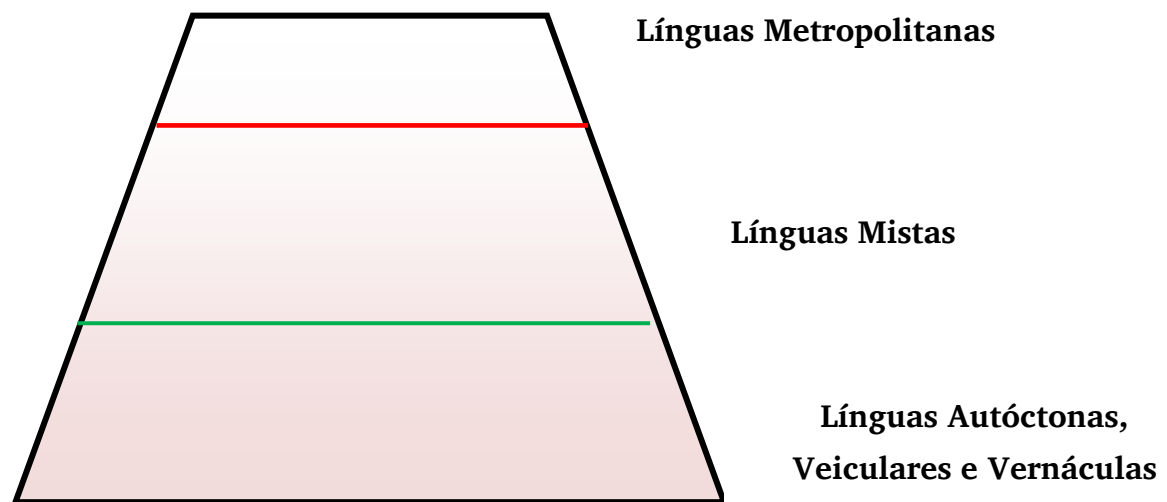
<http://www.docstoc.com/docs/49358292/NIGER-CONGO-LANGUAGES>

Para exemplificar a situação linguística na África, foram propostos várias classificações, como a classificação genealógica proposta por **JOSEPH GREENBERG** (1963), essa classificação foi por um período considerada muito audaciosa, mas hoje é aceita como base para trabalhos posteriores para identificar os limites das línguas Nigero-Cordofanianas. A sua classificação genealógica dividiu as línguas da África em 4 Famílias maiores (*vide mapa.2*), que são:

- **Família Kongo-Kordofan (ou Nigero-Congolesa):**, (inclui numerosos grupos predominantes no sul do Saara, a qual podemos destacar a megafamília de línguas bantu);
- **Família Nilo- Sahariana:** compreendem as línguas que se encontram ao redor do rio Nilo e do deserto do Saara (constituída pelo Sahariano e o Songhai);
- **Família Afroasiática:** compreendem as línguas que se encontraram ao mesmo tempo entre a África e a Ásia, (incluindo-se as línguas Berberes do Norte da África, as Cushitas da Etiópia e da Somália e ainda as semitas, abrangendo o hebreu, o árabe e o aramaico)

tem suas línguas e essas não se usam fora de suas fronteiras étnicas); na parte de cima do trapézio têm as Línguas Metropolitanas que são espanhol, francês, italiano, português, Neerlandês e o inglês, ou seja, as línguas que são uma herança da colonização e hoje são “línguas oficiais” na maioria dos países africanos; e finalmente na parte central ficam as Línguas Mistas que resultam do encontro entre as línguas autóctonas e as metropolitanas, o que explica a presença das línguas crioulas e pidgins.

Fig.1: Trapézio divisão das Línguas da África, (Daniel Mutombo, 2008)



Essas duas classificações (**GREENBERG e MUTOMBO**) nos permitem evidenciar não só a grande diversidade linguística existentes em toda parte do continente africano, mas também a sobreposição de uma língua em relação a outra. No trapézio que esquematiza a posição dessas línguas observou-se que as línguas que ficam na parte de cima deste são as consideradas línguas de “prestígio” (faladas pela minoria da população) ao passo que as línguas não reconhecidas nacionalmente ocupam a base desse trapézio no contexto sócio-linguístico, tendo uma maioria de falantes.

2.2. 1. Origem das línguas bantu

A palavra "Bantu" (que significa "povo" em muitas línguas bantu) refere-se a um grupo de cerca de 600 línguas bantu e aos seus falantes, hoje conta com cerca de 90 milhões de pessoas.

Os estudos linguísticos apontam que essas línguas provêm do Proto-bantu, que é uma língua hipotética, considerada uma possível mãe das atuais línguas bantu faladas na África Central, na região dos Camarões e da Nigéria Oriental moderna, há aproximadamente 3000 anos atrás.

A antropologia refere-se à **expansão bantu** como um movimento de povos que ao longo de três milénios terá espalhado as línguas bantu em praticamente toda a África subsaariana, e a principal evidência dessa grande expansão ou a migração bantu, tem sido primariamente linguístico, pois um ramo do Niger-Congo, foi localizado na região dos Camarões e da Nigéria Oriental moderna. As expansões bantu foi um dos maiores movimentos migratórios da história da humanidade, e sua causa se deu predominantemente pelo desenvolvimento da agricultura, pela fabricação de cerâmica e do uso de ferro, que permitiu novas zonas ecológicas a serem exploradas.

A ideia de que existe uma língua hipotética para as línguas bantu atuais, veio da suposição de que entre a proto-língua e as línguas atuais, existia as línguas bantu comuns, que se dividiam em bantu oriental (zonas D, E, F, G, N, P, S, J) e bantu ocidental (zonas A, B, C, H, K, L, R) sem contar as línguas K, L e R, que oscilam entre os dois grupos. Para as origens e a expansão bantu existem várias vertentes, porém a versão mais aceita, sobretudo no meio dos bantuístas, é de que elas se originaram de uma região que hoje fica entre a Nigéria e os Camarões. A hipótese de Guthrie é de que a proto-língua havia saído da parte da África equatorial, entre as costas oriental e ocidental africanas, mas precisamente entre a região do Katanga e os arredores do Kamina. Uma outra suposição partiu de Greenberg, postulando que essa proto-língua teria saído do norte da selva equatorial entre os rios Ubangi e Chari, onde houve dois movimentos um para o lado oeste (região das savanas) e o outro para o sul.

A dispersão bantu teve duas fases, a primeira dos falantes da zona A, B e C e a segunda foi a expansão dos outros grupos bantu. As rotas de expansão seguem duas hipóteses, uma de Jan Vansina e outra de Bernd Heine.

Segundo Jan Vansina a expansão bantu havia saído da selva seguindo os rios em direção a Zambeza, onde houve a dispersão de um grupo ao norte e outro ao sul. Bernd Heine, em contrapartida postula três hipóteses possíveis:

1º) Uns grupos haviam saído do norte e sul dos Camarões e os outros idos em direção ao leste para chegar noroeste da Republica Democrática do Congo na região dos grandes lagos a leste;

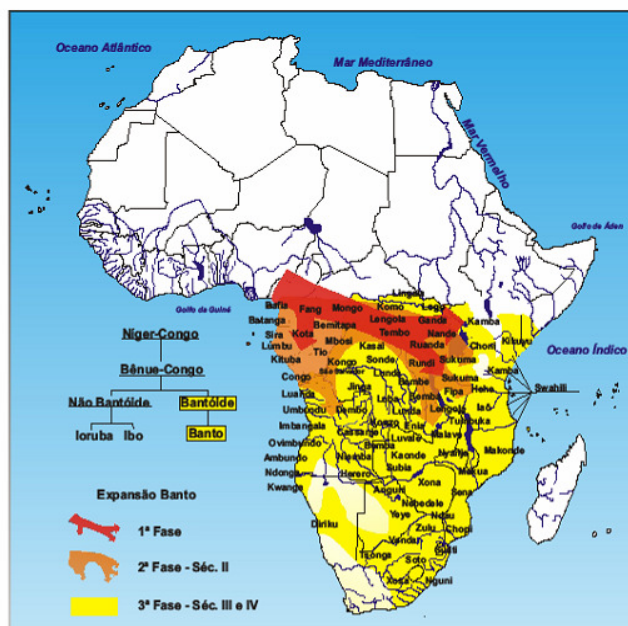
2º) Outros haviam saído da confluência dos rios Congo e Ubangi de onde saíram 7 grupos Alto-Kongo, Teke-mbete, Kikongo, Boma, Yanzi e Lucazi-Cokwe.

3º) Havia saído da região do Kasaayi de onde saíram as línguas dos grupo oriental (D, E, F, G, M, N, P, S, J).

O processo de expansão não ocorreu por causa das guerras ou de invasões sangrentas, mas sim porque os falantes buscavam melhor qualidade de vida, eles queriam ganhar território uma vez que havia uma concatenação de dialetos, e por isso não foi um processo de migração em massa.

Muitas teorias referentes a origem das línguas bantu foram postuladas pelos pesquisadores, mas ambas não passam de cogitações hipotéticas baseadas e fundamentadas nos aspectos históricos e linguísticos das línguas bantu atuais.

Mapa 3. Expansão bantu

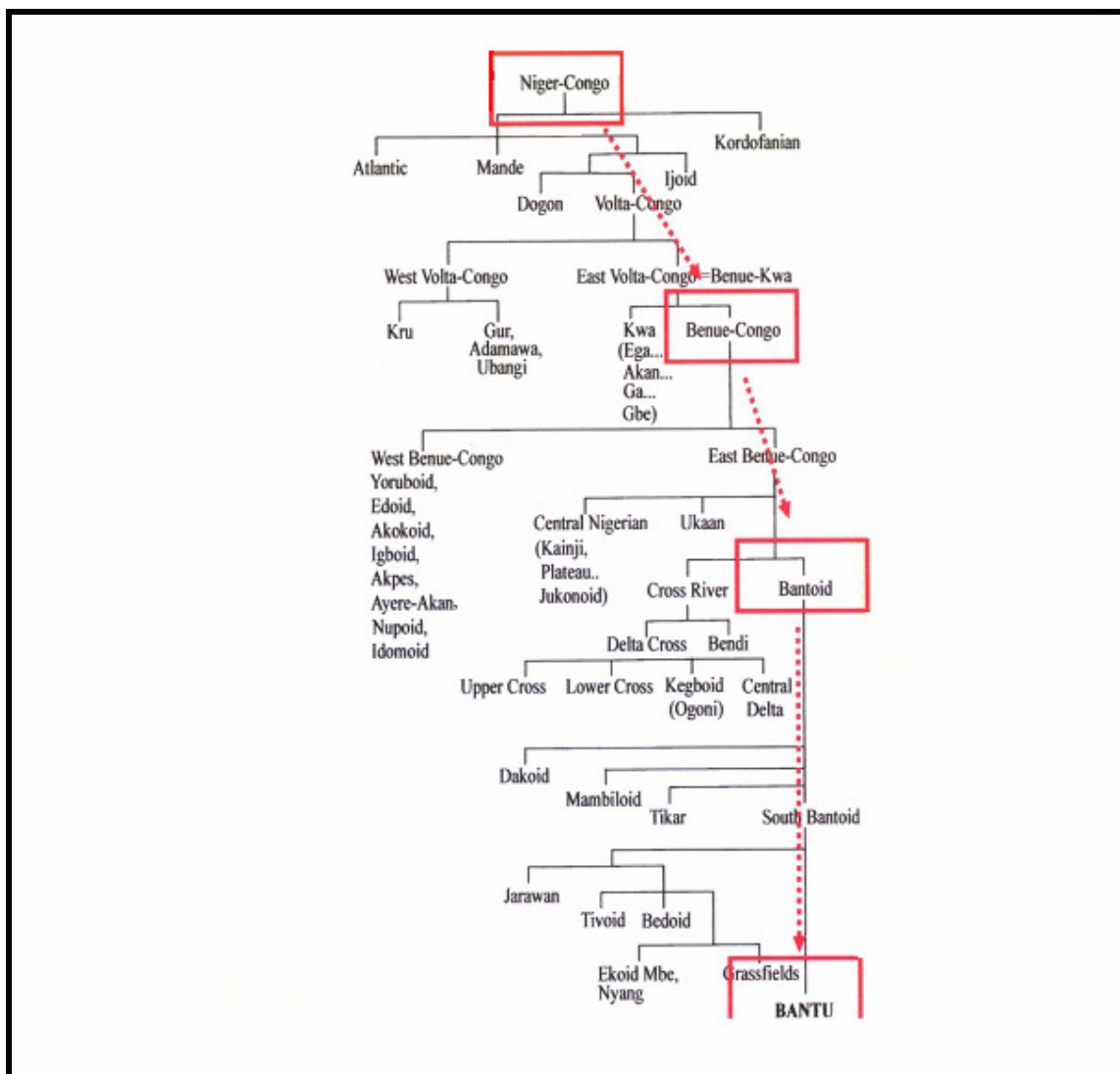


Expansão Bantu

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bantu_expansion

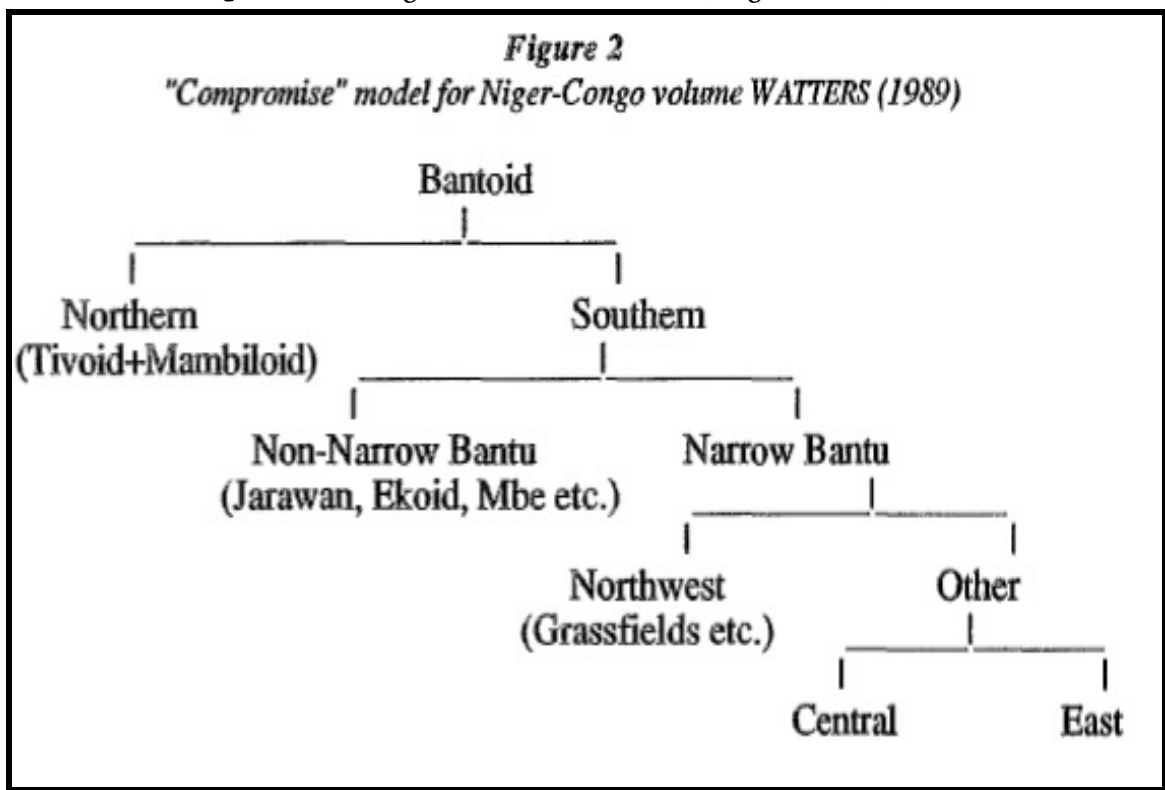
Seguindo a classificação genética de GREENBERG, as línguas bantu se oriundaram do Niger-congo como podemos observar na sequência exemplificada até chegar as línguas bantu: **Niger-Congo → Benue-Kwa → Benue-Kongo → Benue Kongo Leste → Bantoide → Bantoide Sul → Bantu.**

Quadro 2 – Árvore Genealógica do Filo Niger-Congo.



É importante ressaltar que existe uma proposta de classificação mais recente feita por Blench, ao qual inclui as línguas Grassfiel no bantu, (*vide figura abaixo*):

Quadro 3. Línguas Grassfields bantu (Roger Blench)



2.2.2. Localização geográfica das línguas bantu

As línguas bantu localizam-se numa região que vai do sul da Nigéria e estende até a República do Camarões, atravessa a República Centro-Africana, a República Democrática do Congo (ex-Zaire), Uganda, e Quênia, até o sul da Somália no leste do continente africano, da República dos Camarões até Oceano Índico e da floresta equatorial até a África do Sul. Não se sabe ao certo o número total de línguas bantu, alguns linguístas dizem que são 400, outros, como Bastin (1999), calculam 542, Maho (2003) fala em 660 e Mann *et alli* (1987) 680, fica então evidente que entre os linguístas há uma controvérsia em relação ao número de línguas bantu.

Segundo Okudowa, “De um total de cerca de 726 milhões de africanos (TIMES ATLAS, 1999), a mais recente publicação (LEWIS, 2009) relata a existência de cerca de 382 milhões de falantes de línguas da grande família Nigero-Congolesa, dos quais cerca de 240 são falantes de línguas bantus, sendo que de três africanos,

um é falante de uma (ou várias) língua(s) dessa família.”. Isso demonstra a grande diversidade linguística da África.

O mapa mostra a localização das línguas bantu e os seus grupos vizinhos.

Mapa 4. Localização das línguas bantu



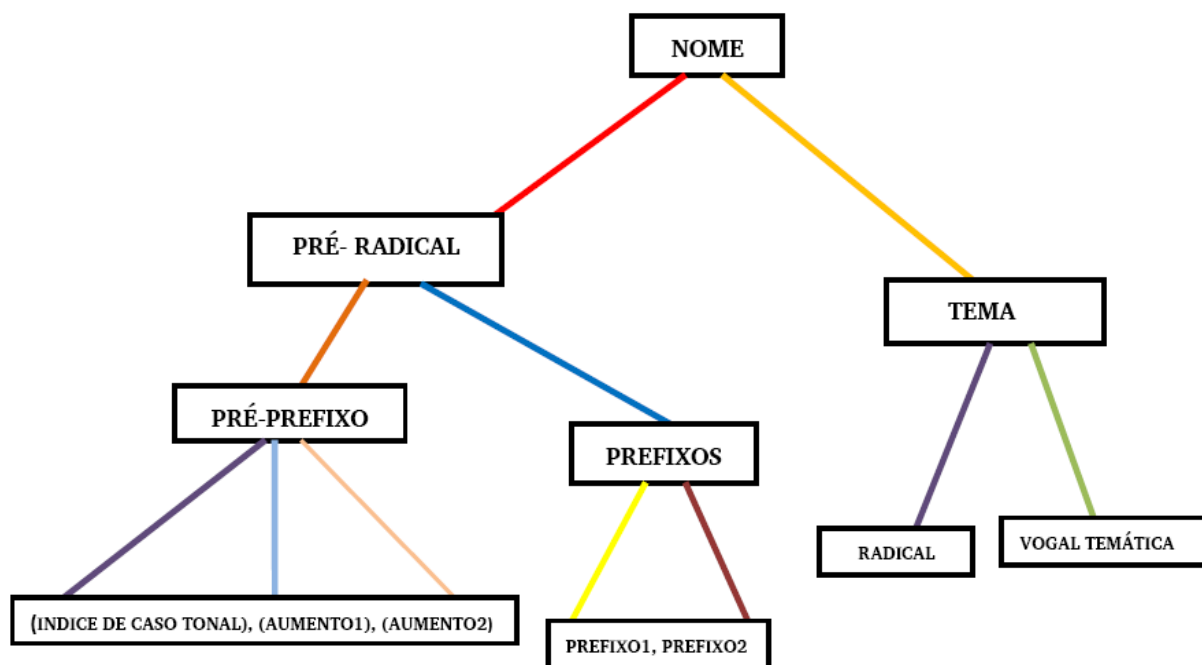
<http://www.realmagick.com/bantu-language/>

2.2.3. Características dos nomes nas línguas bantu

A característica mais marcante das línguas bantu é o fato de serem línguas marcadas pela presença de prefixos classificatórios e por serem línguas tonais. Cada substantivo pertence a uma classe, e cada língua tem diversas classes que se emparelham para formar o singular e o plural.

As palavras bantu são compostas tipicamente por sílabas do tipo CV (consoante-vogal), e a estrutura silábica pode ser esquematizada da seguinte maneira:

Organograma 1: Estrutura nominal das línguas bantu



Fonte: ANGENOT & ANGENOT DE LIMA, 2008)

Geralmente o nome nas línguas bantu é formado por um pré-radical e um tema. Segundo Angenot, (“As classes nominais do kibala-ngoya, um falar bantu de Angola não documentado”, 2010) : “ O pré-radical nominal compõe-se dos seguintes morfemas sucessivos:”

- Um eventual índice de caso tonal, que indica uma determinada função sintática do nome (predicado, sujeito, objeto, etc.);
- Um aumento vocálico que na classe 10, é seguido por um segundo aumento de estrutura fonotática CV-, (que ocorrem por ex: em kimbundu/umbundu .O aumento é ausente nas classes locativas 16, 17 e 18 como também é desativado em certos contextos sintáticos.
- Um ou dois prefixos sucessivos (seguidos, raramente, por um terceiro de classe 9), sendo que só o primeiro prefixo rege a concordância dos prefixos adjetivais, pronominais e verbais, ao passo que o segundo é inerte.

No caso dos aumentos 1 e 2, eles são optativos, tem línguas que possuem e tem outras que não, mesmo assim eles são encontrados em um número relevante de línguas. Eles geralmente precedem o PN prefixo nominal, e constituam uma categoria lexical relevante, embora sem significado próprio; eles podem ser considerados elementos anafóricos, e estão sempre em concordância com o nome que eles acompanham. Esses aumentos prefixais podem sofrer processos evolutivos de uma língua para outra em todos os níveis linguísticos. Existem um grande número de línguas em que os aumentos prefixais desapareceram, mas que deixaram vestígios visíveis e em contrapartida tem as línguas em que os aumentos tem uma estrutura simplificada a uma vogal, e ainda tem aquelas que tem dois ou mais aumentos, como por ex: as línguas Nyanga, Lala, Kuria, Zulu, etc, embora seja em um número mais reduzido. A justificativa aceita para explicar o fato de o aumento não ocorrer em todas as línguas bantu, pode ser explicada pela evolução linguística de alguns prefixos, os quais perderam o seu papel semântico, o que os enfraqueceu e os transformou somente em um constituinte sem uma função significativa.

2.2.4. Classificação genética e tipológica

As análises lexicais baseiam-se nos estudos que foram feitos até hoje pelos linguístas, em relação às reconstruções dos étimos do Proto-bantu, mas precisamente da classificação genealógica e tipológica de GUTHRIE, o qual antes de recorrer a tipologia, se baseou na Linguística Histórica para traçar os limites norte das línguas bantu, assim, ele utilizou dentre outros, dois critérios principais, os quais até hoje são utilizados como referência para classificar e diferenciar as línguas bantu das não bantu. Esses critérios são basicamente:

➤ **Critérios tipológicos:** (classificação interna das línguas bantu) aqui levou-se em conta os critérios de prefixos e de cognatos para classificar as línguas bantu, observando a estrutura interna de cada língua, suas estruturas gramaticais, morfofonológicas, fonotáticas, lexicais, fonéticos e tonais (ou seja os agrupamentos de fonemas e dos tons).

➤ **Critérios genealógicos:** observou-se a presença de cognatos entre as línguas que ele classificou como bantu e também as semelhanças fonéticas e fonológicas, utilizando nessas análises sempre o método comparativo. Essa

classificação genética não é uma classificação geral das línguas bantu a classificação geral dessas línguas é sempre tipológica.

Assim levando em consideração os aspectos citados acima, GUTHRIE, determinou geograficamente as línguas para verificar o grau de parentescos entre elas, com isso ele classificou as línguas bantu em 16 zonas e 78 grupos linguísticos (*vide mapa 5*) e 600 línguas bantu onde cada zona possui grupos que contém línguas individuais e que apresentam características e semelhanças entre si.

As centenas de línguas bantu se repartem em 16 zonas tipológicas (incluindo a zona J refeita posteriormente pelo Museu Real de Tervuren/Bélgica), elas são divididas em grupos:

Zona A (9 grupos): Camarões, Guiné Equatorial, Gabão, Congo-Brazzavile;

Zona B (8 grupos): Gabão, Congo-Brazzavile, Congo Kinshasa;

Zona C (9 grupos): Congo-Brazzavile, Congo Kinshasa;

Zona D (6 grupos): Congo Kinshasa;

Zona E (7 grupos): Quênia, Tanzânia;

Zona F (3 grupos): Tanzânia;

Zona G (6 grupos): Tanzânia, Quênia, Somália, Comoros;

Zona H (4 grupos): Congo-Brazzavile, Congo Kinshasa, Angola;

Zona J (6 grupos): Congo Kinshasa, Ruanda, Burundi, Uganda, Quênia, Tanzânia;

Zona K (5 grupos): Congo Kinshasa, Angola, Zâmbia, Namíbia;

Zona L (6 grupos): Congo Kinshasa, Zâmbia;

Zona M (6 grupos): Congo Kinshasa, Zâmbia, Zimbábue, Tanzânia;

Zona N (4 grupos): Zâmbia, Botsuana, Moçambique, Malaui, Tanzânia;

Zona P (3 grupos): Tanzânia, Moçambique, Malaui;

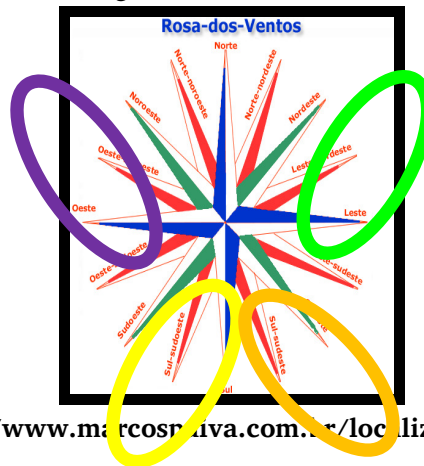
Zona R (4 grupos): Angola, Namíbia, Botsuana;

Zona S (6 grupos): Zimbábue, Botsuana, Moçambique, África do Sul, Zuazilândia, Lesoto.

Essas zonas são tipologicamente agrupadas em 5 áreas maiores, ou sejam:

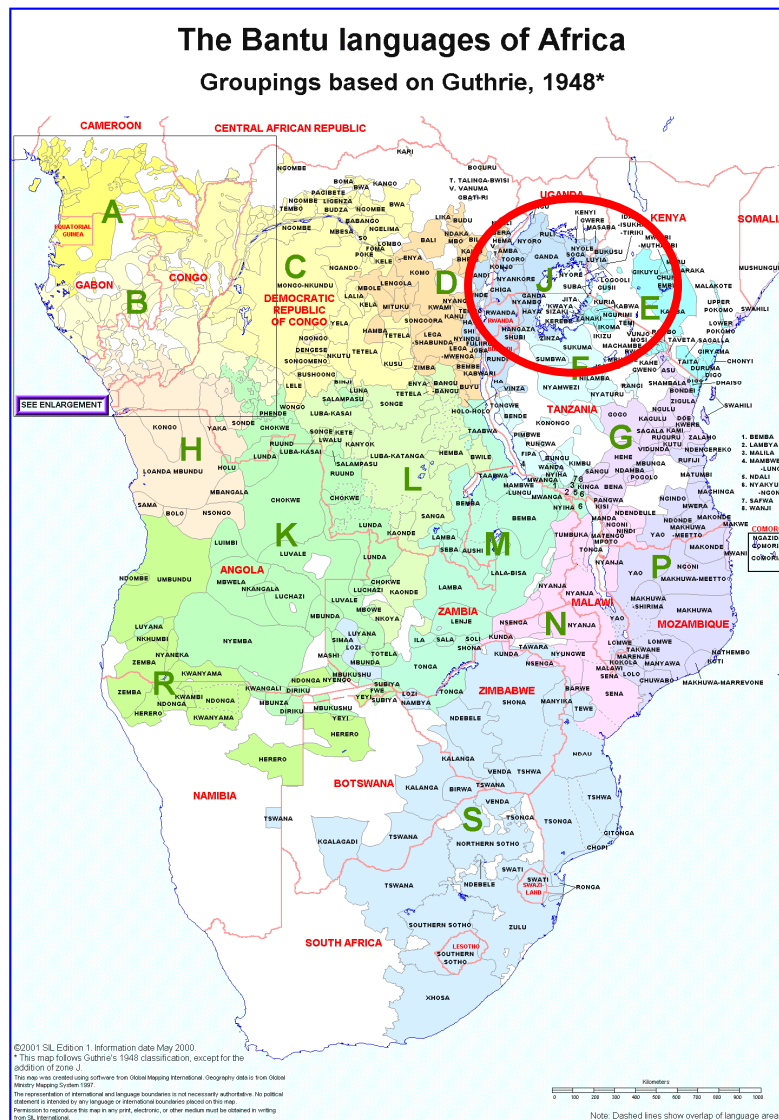
- a) A área do **Noroeste (NW)** com as 3 Zonas: A, B e C;
- b) A área do **Sudoeste (SW)** com as 3 Zonas: H, K e R;
- c) A área do **Centro (Ce)** com as 4 Zonas: D, L, M e N;
- d) A área do **Nordeste (NE)** com as 4 Zonas: J, E, F e G;
- e) A área do **Sudeste (SE)** com as 2 Zonas: P e S.

Fig.2. Rosa dos ventos



http://www.marcosmiva.com.br/loc_lizacao.htm

Mapa 5: Zonas e Grupos Linguísticos



http://www.sil.org/SILESR/2002/016/bantu_map.htm

Mostramos aqui como GUTHRIE determinou uma série de critérios principais (como determinar as línguas por zonas e por um sistema de classes que apresentavam características entre si) e critérios subsidiários (estrutura padrão de um radical que formam palavras através de um processo aglutinativo). Essa classificação de Guthrie foi posteriormente refinado por Crabb, que propôs a definição das línguas bantu *strictu sensu* em oposição as línguas bantu *lato sensu*, as quais incluem as línguas Grassfields bantu.

2.2.5. Classes de prefixos

Nas línguas bantu as classes³ de prefixos constituem a categoria básica na qual as formas se encontram flexionadas. Numa língua bantu cada substantivo se situa dentro de uma série juntamente com os outros substantivos que compartilham o mesmo classificador que é um prefixo nominal (PN) eventualmente precedido por um aumento, e que regem a concordância das palavras dependentes (adjetivos, pronomes, verbos) através da repetição do classificador sob a forma de prefixos adjetivais (PA), pronominais (PP) ou infixos (IN). As classes agrupam-se duas a duas para expressar o singular e o plural sem esquecer a existência de outros sistemas (substantivos monoclassicos e pluriclassicos⁴, etc) ou seja os prefixos nominais se repetem no decorrer de toda a frase para assim fazer a concordância com as outras palavras relacionadas a eles. Quanto a número das classes, essas variam entre 10 e 20 segundo as línguas africanas, algumas línguas tem 10 classes, outras 18 (ex: Cilubà), ou seja, isso varia de língua para outra, mas normalmente são 20 classes reconstruídas do proto bantu que foram reduzidas devido as evoluções das línguas.

³As classes nas línguas bantu são classes de concordância que se manifestam geralmente por meio de afixos classificadores que são significantes descontínuos constituídos por prefixos nominais substantivais (PN), prefixos nominais adjetivais (PA), prefixos pronominais (PP), prefixos verbais (PV) e infixos verbais (IN). Em outros termos para identificar a classe a qual pertence um substantivo é preciso considerar seu PN e os eventuais PA, PP, PV, IN por meio dos quais os pronomes, os adjetivos e os verbos concordam com ele.

⁴. **Substantivos monoclassicos**: nas línguas bantu cada palavra entra em duas classes, sendo que para diferenciá-las usamos os prefixos, um para indicar o singular e o outro para indicar o plural, porém existem as palavras monoclassicas que entram unicamente em uma classe e se tratam de substantivos que designam líquidos, ex: leite, água, café, etc e, geralmente, essas classes são representadas pelos prefixos de classes 6 ou 13. Já os **substantivos pluriclassicos** entram em mais de duas classes sem conotação semântica submentares ou seja, ela pode entrar em mais de uma classe sem alterar o sentido da palavra.

O gênero com relação a sexo é inexistente nessas línguas, nelas o que importa são os prefixos.

Quadro 4: Classificadores em Proto-bantu

CLASSE	PN	PP	PV			IN		
			I (1ª pessoa)	II (2ª pessoa)	III (3ª pessoa)	I (1ª pessoa)	II (2ª pessoa)	III (3ª pessoa)
1	* ⁵ mu	*d ³ u	*n	*u	*ú, á	*n	*ku	*mu
2	*ba	*bá	*tu	*mu	*bá	*tú	*mú	*bá
3	*mu	*gú			*gú			*gú
4	*mi	*gí			*gí			*gí
5	*di	*dí			*dí			*dí
6	*ma	*gá			*gá			*gá
7	*ki	*ki			*ki			*ki
8	*bi	*bi			*bi			*bi
9	*n	*d ³ i			*d ³ í			*d ³ í
10	*n	*d ³ í			*d ³ í			*d ³ í
11	*du	*dú			*dú			*dú
12	*ka	*ká			*ká			*ká
13	*tu	*tú			*tú			*tú
14	*bu	*bú			*bú			*bú
15	*ku	*kú			*kú			*kú
16	*pa	*pá			*pá			*pá
17	*ku	*kú			*kú			*kú
18	*mu	*mú			*mú			*mú
19	*pi	*pí			*pí			*pí

(fonte: Meeussen, 1967)

A tabela mostra apenas 19 classes, uma vez que a classe de número 20 raramente aparece nas línguas africanas e, por ser irrelevante não é preciso especificar, esse número de classes não se manteve em todas as línguas atuais, tendo

⁵. (*) o asterisco significa que esses prefixos são hipotéticos, reconstruídos a partir dos estudos feitos nas línguas africanas que se evoluíram até a forma do proto-bantu.

sido frequentemente reduzidas ao longo dos séculos de evolução. Essas classes de prefixos geralmente indicam:

- **Classe 1 e 2:** se referem a nomes que designam seres humanos e alguns outros seres animados.
- **Classe 3 e 4:** notadamente, nomes de árvores, plantas e outras coisas inanimados.
- **Classe 5 e 6:** nomes que designam partes do corpo que formam pares.
- **Classe 6:** contém nomes que designam líquidos ou massas.
- **Classe 7 e 8:** contêm, notadamente, nomes que designam objetos.
- **Classe 9 e 10:** notadamente, nomes que designam animais.
- **Classe 11 e 10:** se refere a nomes que designam objetos finos e alongados.
- **Classe 12 / 13 e 19 :** podem ter função diminutiva.
- **Classe 14 :** pode ter função abstrativa (naturalidade, qualidade, estado.)
- **Classe 15:** é usada, notadamente, para indicar o infinitivo dos verbos.

Contudo as classes e esses traços semânticos fornecidos pelos prefixos podem mudar de uma língua para outra; a semântica das classes citadas, refere-se principalmente ao kimbundu que, como vemos é uma língua que tem 15 classes.

Os prefixos divide-se em:

- **Prefixos Primários (ou inerentes):** são aqueles que fornecem as formas nominais, e tem uma função gramatical, pois formam substantivos que entram em uma classe determinada e regem a concordância das palavras que se relacionam com eles.
- **Prefixos secundários (ou autônomos):** tem duas funções diferentes, quando ocorrem impõem sempre a concordância em relação aos outros prefixos, ou substituem o prefixo primário. Esses prefixos tem seu sentido próprio e eles interferem no tema substantival modificando-o semanticamente. Normalmente variam de uma língua para outra.
- **Prefixos Locativos:** geralmente são de classe 16, 17 ou 18, e normalmente tem funções locativas, e cada um tem o seu sentido.

Todas as características e outras não mencionadas aqui (léxico, etc.) constituem um conjunto de elementos típicos que permitem diferenciar as línguas bantu de línguas não bantu em sentido linguístico

2.2.6. Os tons

A quase totalidade das línguas bantu são tonais, e isso é um fator relevante para basicamente diferenciar essas línguas das outras línguas africanas. Os tons são tão importantes que funcionam como elemento fonológico, lexical, semântico e fonêmico sendo assim capaz de diferenciar vocábulos, tanto a nível lexical, quanto gramatical. Esses tons podem ser: simples, intermediários e complexos. Os tons de base ou simples são o tom alto e o tom baixo, o intermediário é o médio e os complexos são os ascendentes, descendentes, além dos tons supra-alto e infra-baixo. Na maioria das línguas tonais o sistema típico geralmente é com dois tons, e eles podem afetar a estrutura silábica de uma palavra, embora em algumas línguas os morfemas gramaticais não tenham tom nenhum. Mesmo com a evolução das línguas, a maioria delas preservam o tom do Proto-bantu, exceto em algumas zonas, como por ex: as línguas da zona L (que correspondem as línguas do grupo Luba, como por exemplo Ciluba L31, Kanyok L32). Segundo HUTA-MUKANA (2008): *“Quando temos em proto-bantu um tom alto em L30 temos o inverso. Os tons são totalmente ou parcialmente invertidos, mas isso depende da posição da sílaba, e varia conforme os dialetos.”*

E ainda, OLIVEIRA diz que: (2005b: 95-99)

“Em línguas tonais, o supra-segmento tom ocasiona mudanças lexicais (de significado) e diferenças gramaticais. Em outras palavras, uma mesma composição de segmentos pode ter significados lexicais e gramaticais distintos realizados por meio de tons diferentes.”

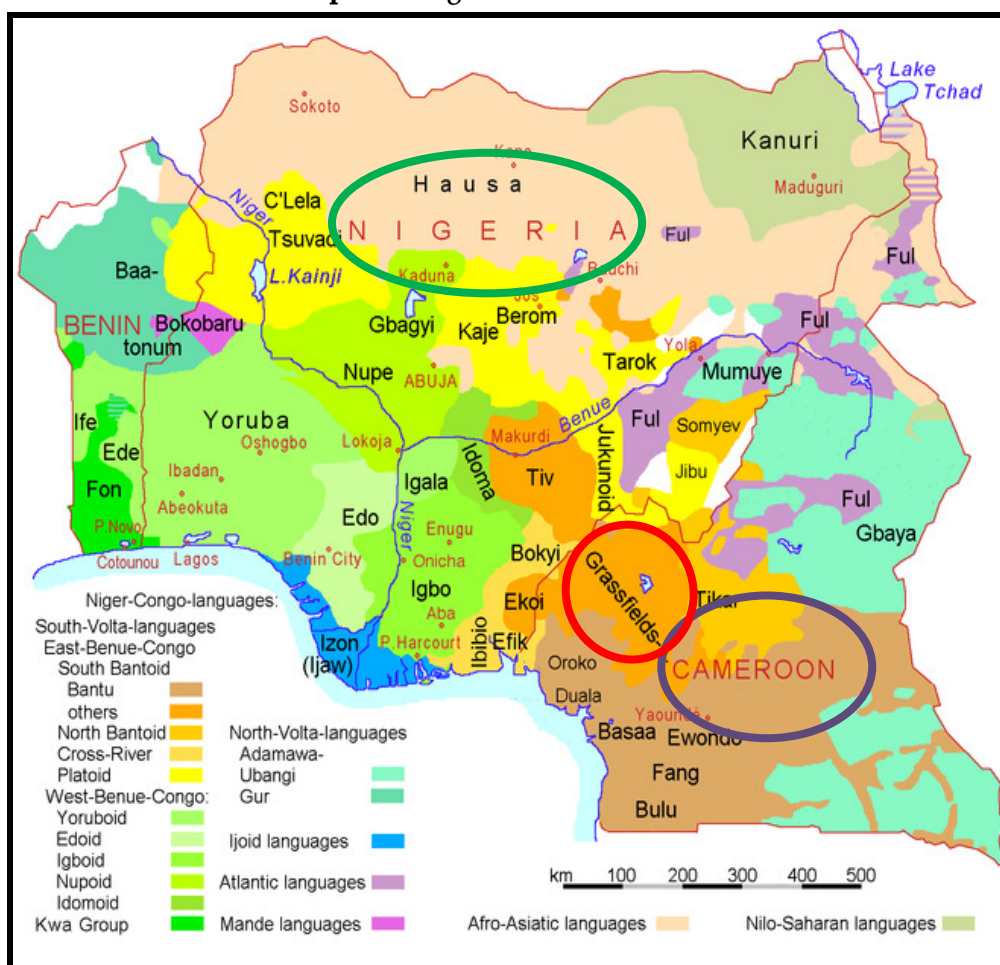
Enfim, os tons nas línguas bantu tem suas particularidades, e permitem distinguir categorias de morfemas tanto nos verbos quanto nos nomes, principalmente quando se referem aos reflexos do proto-bantu. E ainda os sistemas tonais estão sujeitos a processos sândi ou seja sofrem algumas modificações após a aplicação de regras. “assimilação” e “dissimilação”, como veremos em alguns casos.

CAPÍTULO III: DELIMITAÇÃO DE ESTUDO E EMBASAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO

3.1. BANTU “*STRICTU SENSU*” E BANTU “*LATO SENSU*”

Na classificação das línguas africanas, temos a família bantu “*strictu sensu*”, que corresponde às línguas que Guthrie chamou de bantu e temos também, o grupo das línguas bantu “*lato sensu*”, línguas conhecidas como bantóides, que pertencem também ao ramo da subfamília Benue-Congo do filo Nigero- Kongolesa, e apresentam semelhanças no vocabulário com as línguas bantu. Greenberg (1963) classificou essas línguas como um grupo a qual as línguas bantu pertence, posterior a essa classificação Williamson (1989) propôs uma divisão dessas línguas em bantóide setentrional e meridional (onde as línguas bantu são inseridas). De acordo com Blench (2000) as línguas bantóide sul são divididas em várias línguas Bantu: Narrow, Jarawan, Tivoid, Beboid, Manfe, Grassfield e as famílias Ekoid. Essas línguas somam mais ou menos 150 línguas e localizam-se entre a Republica do Camarões e a Nigéria.

Mapa 6. Línguas Grassfields bantu



http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_bant%C3%B3ides

3.2. LINGUÍSTICA HISTÓRICO-COMPARATIVA

A Linguística Histórica foi o primeiro ramo da Linguística a se estabelecer com bases sólidas, ela surgiu com vigor no final do século XVIII e início do século XIX, e para os neogramáticos (fim do século XIX), refere-se ao estudo das mudanças linguísticas e de suas consequências, explicando-as para assim compreender como ocorrem esses processos envolvidos nas mudanças; para isso utilizaram os fundamentos pré-estabelecidos nos princípios universais. A linguística histórica está diretamente ligada a diacrônia das línguas, termo utilizado para explicar o desenvolvimento histórico que ocorrem nas línguas naturais, porém sempre fazendo um paralelo com a sincrônia, que estuda a língua em um determinado momento no tempo.

A Linguística Comparada surgiu em 1816, quando o linguísta alemão Franz Boop publica uma obra cujo título é “O sistema de conjugação das línguas Sânscrito, comparando ao das línguas Grega, Latina, Persa e Germânica”, o objetivo principal era identificar a origem das línguas aparentadas a partir de um conjunto de cognatos. Já a segunda geração dos comparativistas partiu do princípio que a língua era um órgão vivo e que por isso estava sempre em processo de mudanças, nessa fase se destaca Schleicher que refina a metodologia da linguística comparada proposta por Boop.

Portanto essas duas teorias formaram a Linguística Histórica-comparativa, que trata de investigar e interpretar mudanças fônicas, mórficas, sintáticas e semântico-lexicais que ocorrem nas línguas à medida que o tempo passa, através do método comparativo. Seu principal objetivo é estabelecer o parentesco entre as línguas, partindo do princípio de que elas não constituem realidades estáticas, por isso se transformam, isto é, as estruturas e palavras que existiam antes não ocorrem mais ou estão deixando de ocorrer, ou, então, ocorrem modificadas em sua forma, função e /ou significado. Fundamentadas em regras e princípios, procura-se:

- Estudar as línguas vivas atuais e delas abstrair a natureza da mudança (fundamentadas em regras fonético/fonológicas);
- Investigar os mecanismos da mudanças;
- Desvendar os princípios gerais do movimento histórico das línguas;
- descrever e explicar as mudanças observadas nas línguas naturais;

- reconstruir uma língua partindo de sua proto-língua, utilizando a linguística comparada;
- Criar uma teoria da mudança, que explique esses fenômenos linguísticos;

3.2.1. Mudanças linguísticas

Desde que a Linguística passou a ser encarada como ciência, na segunda metade do século XIX, a mudança passou a ser uma preocupação dos estudiosos de língua. A princípio, acreditava-se que a língua evoluía paulatina e gradualmente para atingir uma fase final de plenitude, quando estacionaria, caracterizando, assim, uma civilização superior

A partir do século XX, com o avanço dos estudos linguísticos, o conceito de evolução passou a ser objeto de discussões de que as mudanças linguísticas não são casuais nem desconexas. Várias são as razões dessa mudança, mas a principal situa-se na relação que se estabelece entre língua e cultura. A rapidez ou lentidão no processo de deriva está condicionada a condições histórico-sociais. O estudo da língua como um diassistema, abordando todas as suas variedades, não é apenas importante, mas também indispensável para o conhecimento da língua

É notório o fato de que as línguas naturais se modificam a medida que o tempo passa, pode-se assim dizer que ocorrem mudanças tanto no sentido *strictu* quanto no sentido *lato*. No primeiro caso, trabalha-se sobre duas teorias:

- a) a Linguística Histórica sócio-histórica;
- b) a Linguística Diacrônica ou social.

Quanto à Linguística Histórica no sentido *lato*, essa trabalha com *corpus*, como a dialetologia e a Sociolinguística Laboviana, já a Etnolinguística, utiliza-se a *corpora*. Os princípios básicos dessas teorias são as leis fonéticas e a princípio da analogia. As mudanças podem ser parciais (nos níveis fonético, sintático, morfológico, semântico, lexical e pragmático), ou seja qualquer parte da língua pode mudar, desde aspectos da pronúncia até os aspectos de sua organização estrutural e quase sempre são imperceptíveis aos falantes e ocorrem em todas as línguas naturais. O nível fonético-fonológico é o mais estudado, ao passo que as outras mudanças (mórficas, sintáticas) são em geral menos desenvolvidas, abordadas de modo ainda muito fragmentado), e elas se atêm às mudanças dos sons, pronúncia e tem a fala como material de suporte.

Analisar uma língua diacronicamente e sincronicamente é apresentá-la diacrítica e diatopicamente e proceder à análise e atentar-se à seus fatos, pois segundo (FARACO, 1991, p. 13):

[...] nem toda variação implica mudança, mas toda mudança pressupõe variação, o que significa, em outros termos, que a língua é uma realidade heterogênea, multifacetada e que as mudanças emergem dessa heterogeneidade, embora nem todo fato heterogêneo resulte necessariamente mudança.”

E para saber o que considera-se mudança ou variação levar-se-a em conta não só os fatores linguísticos mas também os aspectos sociais, culturais e os fatores extra e intralinguísticos, mas sempre partindo do princípio básico de que as línguas mudam simplesmente porque nada é imutável, e que as mudanças são sempre estruturadas e fundamentadas em teorias e regras.

3.2.2. Mudanças fonéticas

As mudanças fonéticas consistem então, numa alteração da pronúncia de certos segmentos em determinados ambientes da palavra, que são explicadas pelas leis fonéticas, e normalmente são mudanças regulares que podem ou não ser condicionadas. As mudanças fonéticas ocorrem basicamente das seguintes maneiras: **Acréscimos de sons** (prótese, epêntese e paragoge); **Subtração de sons** (monotongação, aférese, apócope e sincópe), **Transposições de sons** (metástese e hiperbibasmo); **Transformações de sons** (sonorização, desonorização, vocalização, desvocalização, palatalização, despalatalização, nasalização, desnasalização, assimilação e dissimilação).

Segundo Daniel Mutombo (2008:

“Assimilação e dissimilação são dois fenômenos opostos. Eles têm em comum a modificação articulatória dos elementos vizinhos ou que estão em contato. O fenômeno de assimilação aproxima os elementos vizinhos ou em contato. A dissimilação os distancia. Isso ocorre para evitar uma repetição incômoda entre dois elementos idênticos. No terreno das línguas Bantu, a assimilação teve como consequência a

redução do sistema vocálico passando de sete vogais da proto-língua para o sistema de cinco vogais na maioria das línguas atuais.”

Na análise dos dados explicitaremos alguns fenômenos de transposições de fonemas que ocorreram nas línguas bantu atuais como assimilação, sonorização, desonorização, fricativização, oclusivização etc, exemplificaremos essas regras através do quadro de processos diacrônicos naturais, onde também utilizaremos os princípios básicos da Fonologia não-lenear.

3.2.3. Método Histórico-Comparativo

O método comparativo foi desenvolvido no século XIX. As principais contribuições foram feitas pelo dinamarquês estudiosos Rasmus Rask e Karl Verner e estudioso alemão Jacob Grimm . Esse método estuda o desenvolvimento das línguas através da realização de uma comparação de duas ou mais línguas com a descendência comum, em oposição ao método de reconstrução interna , que analisa os internos desenvolvimento de uma linguagem única ao longo do tempo. Normalmente ambos os métodos são usados em conjunto para reconstruir as fases pré-históricas das línguas tanto para preencher as lacunas no registro histórico de uma língua quanto para descobrir o desenvolvimento fonológico, morfológico, e outros sistemas lingüísticos, e também para confirmar ou refutar a hipótese de relações entre as línguas.

Em relação ao método histórico Siena (2008) diz:

“No método histórico, o foco está na investigação de acontecimentos ou instituições do passado, verificando sua influência no presente, considerando que é fundamental estudar suas raízes visando à compreensão de sua natureza e função.. Este método é utilizado em estudos do tipo qualitativo.O método comparativo é empregado no estudo de semelhanças e diferenças entre diversos tipos (grupos, sociedade, organizações, etc.), visando verificar similitudes e explicar divergências. O método possibilita o estudo de grandes grupamentos sociais, separados pelo espaço e tempo.”

Essas duas teorias formam o método histórico-comparativo que segue, portanto, o princípio básico de que as palavras com significações parecidas em línguas suspeitas de serem descendentes de uma mesma proto-língua apresentam correspondências sistemáticas e permitem reconstruir a língua ancestral comum a essas línguas, valendo-se de regras fonético-fonológicas.

O método é então utilizado quando pretende-se reconstruir uma proto-língua. Quando reconstroem-se as formas, reconstroem-se também os seus significados. Assim o método procede da seguinte maneira:

- Analisa palavras com significações parecidas em línguas suspeitas de serem descendentes de uma proto-língua e a partir daí encontra correspondências de sons que permitam reconstruir a língua ancestral comum a essas línguas.
- Procura explicar semelhanças óbvias entre palavras pertencentes a diferentes línguas ou dialetos admitindo que essas línguas são relacionadas entre si;
- Procura reconstruir a proto-língua pela suposição de que as mudanças de sons são regulares.
- Presume que cada som de um dado dialeto mudará para cada ocorrência em circunstâncias semelhantes.

É baseado nesse método que afirma-se que qualquer parte da língua pode mudar, desde aspectos da pronúncia até os aspectos estruturais.

3.3. METODOLOGIA

O motivo principal que nos levou a escolher para a pesquisa os cinco grandes herbívoros, foi o fato delas já terem sido reconstruídas no Proto-Bantu, o que eventualmente facilita a busca dos cognatos e as análises comparativas. E a partir delas procurou-se verificar no maior número possível de línguas africanas e em quais zonas e grupos linguísticos ocorreram possíveis evoluções desses étimos, através do levantamento dos cognatos encontrados para cada étimo proposto por Meeussen (1980), e Bastin & Shadeberg (2011). A metodologia consistiu em uma pesquisa bibliográfica, elaborada e desenvolvida a partir de materiais já publicados,

em livros, artigos, etc. e teve quatro (4) etapas importantes, exemplificadas da seguinte maneira:

1ª fase: leituras orientadas de livros, apostilas, dicionários, resumos, artigos, ou seja, referenciais teóricos relacionados às influências e às características próprias das línguas africanas em geral e das línguas bantu em particular, nessa etapa selecionamos as palavras a serem pesquisadas;

2ª fase: Coleta dos dados no acervo bibliográfico particular do Dr. Jean-Pierre Angenot, cedida para o CEPLA, que dispõe de 2.996 títulos entre livros, dicionários, léxicos, gramáticas, artigos a respeito das línguas africanas em geral, com ênfase nas línguas bantu, com levantamento dos possíveis cognatos correspondentes para cada étimo reconstruído. Nas coletas observou-se as semelhanças morfosemânticas das formas entre as línguas atestadas, excluindo as formas inaceitáveis, ou seja aquelas cujo as formas são diferentes nos aspectos fonético-fonológico, morfológicos, e semânticos;

3ª fase: Comparar os dados coletados, eliminando aquilo que possivelmente pertence a outras famílias de línguas e os empréstimos, para assim identificar os cognatos;

4ª fase: examinar a estabilidade da reconstrução, e para isso fazer a distribuição geográfica (por zonas) e distribuição tipológica dos dados (por semelhanças, diferenças, forma e sentido).

Para o agrupamento dos dados:

- Reagrupamos os dados quanto a sua forma e fizemos a normatização fonética⁶;
- Reagrupamos cada forma de acordo com as suas semelhanças com uma das formas propostas do Proto-bantu, observando as mudanças ocorridas nas formas atuais;
- Formulamos regras fonético/fonológicas para explicar as evoluções diacrônicas;
- Verificamos em quantas línguas tem formas comuns, para assim podemos mapear os grupos de cognatos e fazer gráficos recapitulativos;

⁶ Foi feita a normatização fonética para padronizar as formas de acordo com o IPA, mas isso não quer dizer que elas sejam pronunciadas da maneira como estão transcritas, uma vez que os dados não foram coletados diretamente com os falantes.

Sabe-se que nas línguas aparentadas, existem correspondências sistemáticas de seus elementos, em termo de estruturação gramatical, que seriam os conhecidos cognatos. Para as análises e identificação dos reflexos atestados, utilizamos critérios fundamentados nas regras de correspondências fonéticas. Os grupos de cognatos foram separados conforme as suas características fonéticos, fonológicos, morfológicos e semânticos, além de observarmos outros aspectos secundários, como as semelhanças de seus prefixos, infixos. Assim:

- Isolamos os cognatos aparentemente evidentes;
- Identificamos as correspondências sistemáticas de sons que apontam para séries de cognatos;
- Formulamos as mudanças de sons que ocorreram na evolução de cada língua filha a partir da língua mãe;

Partindo dos grupos desses cognatos atestados, propomos étimos e reflexos regionais, zonais, grupais que possam ter evoluído de maneira geral em um grande número de línguas, devido ao contato prolongado com outros grupos étnicos, o que pode ter provocado uma perda na sua forma original, e assim mapeamos os cognatos conforme as zonas e os grupos linguísticos .

CAPÍTULO IV: OS DADOS

4. RINOCERONTE

4.4.1. Localização geográfica

O **rinoceronte negro** ou (*Diceros bicornis*), é uma espécie de rinoceronte, nativo das regiões leste e central da África, incluindo o Quênia, Tanzânia, Camarões, África do Sul, Namíbia, Zimbabwe e Angola.

O **rinoceronte-branco** (*Ceratotherium simum*) é o maior e mais numeroso dos rinocerontes, família de mamíferos perissodáctilos. Difere do rinoceronte-negro não exatamente pela cor (ambas espécies são acinzentadas) e sim pelo formato de seus lábios. Pode ser encontrado na África do Sul, Quênia, Malawi, Namíbia, Suazilândia, Tanzânia e Zimbabué.

FIG. 8. RINOCERONTE PRETO
Diceros bicornis



MAPA: 48 DISTRIBUIÇÃO
GEOGRÁFICA (*Diceros bicornis*)



FIG. 9 RINOCERONTE BRANCO
Ceratotherium simum



MAPA: 49 DISTRIBUIÇÃO
GEOGRÁFICA (*Ceratotherium simum*)



<http://pt.wikipedia.org/wiki/rinoceronte> (acesso em 29/04/2011)

4.4.2. Reconstruções etimológicas

Proto-Bantu	PB */ Ñ-pédà 9, 10 / ---> *[^m pédà]	Meeussen 1980; Bastin & Schadeberg 2011
	PB */ [~] -pa [~] da 9, 10 / ---> *[^m pa: ⁿ da]	
	PB */ [~] -pe [~] bɛdɛ / ---> *[^m pe: ^m bɛdɛ]	de Lima Santiago 2011

4.4.3. Corpus de dados levantados

	Zona	Língua	Reflexos PB	Transcrição	Autor/ano
1.	C145	Leke	išeké eténi lit. <i>meio chifre</i>	išeké eténi	Vanhoudt 1998
2.	C36d	Lingala	longembú, ma-	lo: ^ŋ ge: ^m bú, ma:-	Van Everbroeck 1985
3.	C41	Ngombe	békí	békí	Rood 1958
4.	D28	Holoholo	-impongo	i: ^m po: ^ŋ go	Coupez 1955
5.	E51	Gikuyu	húria	húr ^j a	Bennett 1667
6.	E52	Embu	mvuria	^m vur ^j a	Bennett 1667
7.	E531	Mwimbi	gu-kuá	gukuá	Bennett 1667
8.	E54	Tharaka	mpúria	^m púr ^j a	Bennett 1667
9.	E55	Kamba	mbúsyá	^m bús ^j a	Bennett 1667
10.	E72	Nyika	phera	p ^h era	Bk ?
11.	E72b	Kauma	phera	p ^h era	Gt CS 1460
12.	E731	Segeju	mbúdza	^m búdza	Bennett 1667
13.	E741	Sagala	m-bela	^m bela	Gt CS 1460
14.	F21	Sukuma	-` pela	^m pela	Richardson, Mann 1966; Gt CS 1460

15.	F31	Nilamba	mpembele	ᵐᵖɛᵐbɛlɛ	Yukawa 1989
16.	F32	Remi	mpɛmbɛɛ	ᵐᵖɛᵐbɛɪ	Olson 1964
17.	F33	Irangi	mpera	ᵐᵖɛra	Seidel 1898
18.	G11	Gogo	mpela	ᵐᵖɛla	Rossel 1988
19.	G22	Pare	mburya	ᵐbʊrʲa	Kagaya 1989
20.	G23	Shambala	mpɛ́lǎ	ᵐᵖɛ́lǎ	Roehl 1911; Gt CS 1460
21.	G24	Bondei	mphela	ᵐᵖʰɛla	Bk ?
22.	G31	Zigula	mphela	ᵐᵖʰɛla	Bq ?
23.	G40	Swahili	phea	pʰɛʲa	Bq ?
24.	G42b	Mvita	phera	pʰɛra	
25.	G42d	Unguja	phea	pʰɛʲa	Gt CS 1460
26.	G62	Hehe	ime:ra, mape:ra; mela	imɛ:ra, ma-/mela	Velten 1899; Spiss 1900
27.	H12	Vili	–mbuungu	ᵐbʊ:ᵑgu	Laman
28.	JE14	Kiga	–kura	ᵑkura	
29.	JE15	Ganda	è 'nkula	ᵑkula $\text{ɛ:ᵑᵏula \{ᵑᵏ > ᵑᵏ\}}$	
30.	JE22	Haya	ɛᵑkula	ɛ:ᵑᵏula	Byarushengo 1977
31.	JE22D	Ziba	nkúra	ᵑkúra	Herrmann 1904; Rehse 1915
			mpéra	ᵐᵖɛ́ra	Herrmann 1904
32.	JE24	Kerebe	n–kura	ᵑkura	Hurel 1909
33.	JE31D	Syan	ekityoindavei, evityoindavei,	$\text{ɛkitʰɔɪ'davei, ɛvi-}$	
34.	JD61	Rwanda	–kura	ᵑkura	
35.	JD62	Rundi	inkura	i:ᵑkura	Rodegem 1970
36.	K11	Chokwe	kevukevuvu	kɛvʊkɛvʊ	Mc Jannet 1949

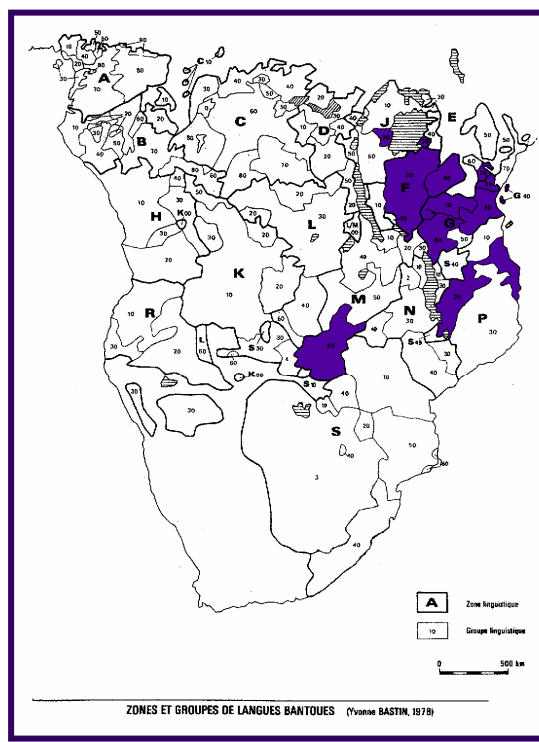
37.	K12b	Ngangela	cimpáánda	$\underset{-}{tʃi} \cdot ^m p\acute{a} \cdot ^n da$	Maniacky 2002
38.	K22/L	Lunda-Ndembu	nsotu	$^n s\text{ɔ}tu$	Fisher 1963

	52				
39.	K352	Mwenyi	(e)síembélé / (e)sêmbélé,	ɛsíɛː ^m bélé / ɛsêː ^m bélé	Yukawa 1987
40.	K33	Kwangali	simplhanda	siː ^m p ^h aː ⁿ da	Dammann 1957
41.	K332	Dciriku	şimpánda	ʃiː ^m páː ⁿ da	Möhlig 1967
42.	K333	Mbukushu	fume	fumɛ	Fisch 1977
43.	L62	Nkoya	shilangwa, bilangwa	ʃilaː ^ŋ g ^w a, bi-	Yukawa 1987
44.	M14	Lungu	cipembele	ʈʃiɸeː ^m bɛɛ	Kagaya 1987
45.	M42	Bemba	cipémbélé	ʈʃiɸéː ^m bélé	Guthrie, Mann 1980
46.	M61	Lenje	chipembele, wachipembele	ʈʃiɸeː ^m bɛɛ, wa-ʈʃi-	Madan 1908
			kakwele, bakakwele	kak ^w ɛːɛ, ba-ka-	Kagaya 1987
47.	M63	Ila	šempela	ʃɛː ^m pɛla	Bourquin
48.	N13	Matengo	kipembele	kiɸeː ^m bɛɛ	Häfliger 1909
49.	N21	Tumbuka	chipembere, vi-	ʈʃiɸeː ^m bɛɛ, vi-	Turner 1952
50.	N31a	Nyanja	cipembele, zi-	ʈʃiɸeː ^m bɛɛ, zi-	MCJ 1963
51.	N31b	Cewa	ci-pembele	ʈʃiɸeː ^m bɛɛ	Gt sv CS 1460
52.	N31c	Manganja	chi-pembere	ʈʃiɸeː ^m bɛɛ	Hetherwick 1916
53.	P21	Yao	m-bela	m ^b ɛla { ^m b > m ^b }	Gt CS 1460
54.	R14	Khumbi	omphánda, ono-	ɔː ^m p ^h áː ⁿ da, ɔnoː-	Westphal 1961
55.	R21	Kwanyama	omhanda	ɔː ^m haː ⁿ da	Tobias, Turvey 1976 Turvey et al 1977
56.	R22	Ndonga	ompanda, oompanda	ɔː ^m paː ⁿ da, ɔː-	Tirronen 1986

57.			ompelele	ɔ:ᵐpelele	Bq
58.	R30	Herero	ongava	ɔ:ᵇgava	Viehe 1897
59.	S10	Shona	pembele	pɛ:ᵐbele	Hannan 1974
			–théma <i>rinoceronte</i> <i>negro</i>	ᵐtʰéma	
60.	S12	Zezuru	pembele	pɛ:ᵐbele	Hannan 1974
61.	S13	Manyika	pembele	pɛ:ᵐbele	Hannan 1974
62.	S14	Karanga	pembele	pɛ:ᵐbele	Hannan 1974
63.	S16	Kalanga	chi–pembele, zwi–	tʃipɛ:ᵐbele, zʷi–	Moreno 1990
64.	S21	Venda	thémà <i>rinoceronte</i> <i>negro</i>	tʰémà	Van Warmelo 1937
			tshúgúlú <i>rinoceronte</i> <i>branco</i>	tsʰúgúlú	Van Warmelo 1937

RINOCERONTE 1 * [ᵐpédà]

Mapa 50: Distribuição Lingüística



4.4.4. REFLEXOS DO ÉTIMO PROTO-BANTU *[^mpédà]

Quadro 40 : Zonas e grupos para *[^mpédà]

	ZONAS	GRUPOS
	ZONAS	GRUPOS
NORDESTE	E	E70
	F	F20, F30
	G	G10, G20, G30, G40, G60
	J	JE20
CENTRO	M	M60
SUDESTE	P	P20

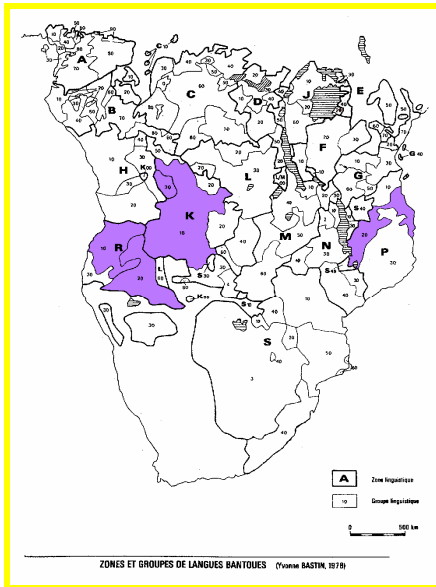
^m pela, ^m pélá, ʃɛ: ^m pela	F33, G11, G23, M63
^m pera, ^m péra	F33, JE22D
^m p ^h ela [2]	G24, G31
p ^h era [3]	E72, E72b, G42b
p ^h ɛ ^j a [2]	G40, G42d
m ^p ela	F21
^m bela	E74B
m ^b ela	P21
ime:ra	G62

Quadro 41: Reflexos de *[^mpédà]

RINOCERONTE 2 *[^mpa:ⁿda]

Mapa 51: Distribuição Lingüística

		Quadro 43: Reflexos de *[^m pa:ⁿda]
		Quadro 43: Reflexos de *[^m pa:ⁿda]
		Quadro 43: Reflexos de *[^m pa:ⁿda]



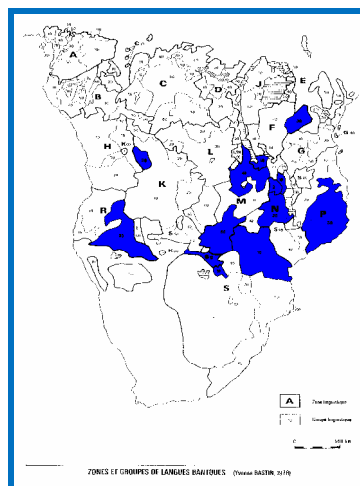
4.4.5. REFLEXOS DO ÉTIMO PROTO-BANTU * [^mpaːⁿda]

Quadro 43: Reflexos de * [^mpaːⁿda]

ɔː ^m paː ⁿ da, tʃiː ^m páː ⁿ da, ʃiː ^m páː ⁿ da	K12b, K332, R22
ɔː ^m pʰáː ⁿ da, siː ^m pʰaː ⁿ da	K33, R11
ɔː ^m haː ⁿ da	P21

RINOCERONTE 3 [^mpɛː^mbɛlɛ]

Mapa 52: Distribuição Linguística



4.4.6. REFLEXOS DO ÉTIMO PROTO-BANTU DE [ɱpɛːmbɛɛ]

Quadro 44: Zonas e grupos para [ɱpɛːmbɛɛ]

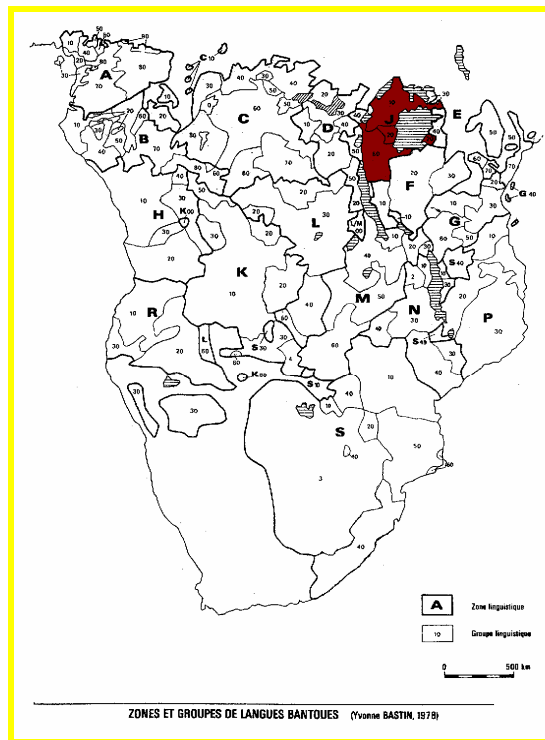
	ZONAS	GRUPOS
Nordeste	F	F30
Sudoeste	K	K30
Centro	M	M10, M40, M60
	N	N10, N20, N30
Sudoeste	R	R20
Sudeste	S	S10
Sudeste	P	P30

Quadro 45: Reflexos de [ɱpɛːmbɛɛ]

ɱpɛːmbɛː	P31
pɛːmbɛɛ [4], kipeːmbɛɛ, tʃipeːmbɛɛ [5], tʃipéːmbélé	M14, M42, M61, N31a, N31b N13, P32. S10, S12, S13, S14, S16
tʃipeːmbere [2]	N21, N31c
ɛsêːmbélé	K352
ɛsíɛːmbélé	K352
ɔːmpɛɛɛɛ	R22

RINOCERONTE 4 [ʔkura]

Mapa 53: Distribuição Linguística



Quadro 46: Zonas e grupos para [ʔkura]

	ZONAS	GRUPOS
NORDESTE	J	JD60, JE10, JE20, JE60

4.4.7. Cognatos presumidos para [ʔkura]

Quadro 47: Cognatos presumidos [ʔkura]

ε:ʔkula	JE22
è:ŋ ^k ula	JE14
ʔkura [3], ʔkúra, i:ʔkúra	JD61, JD62, JE14, JE22D, JE24

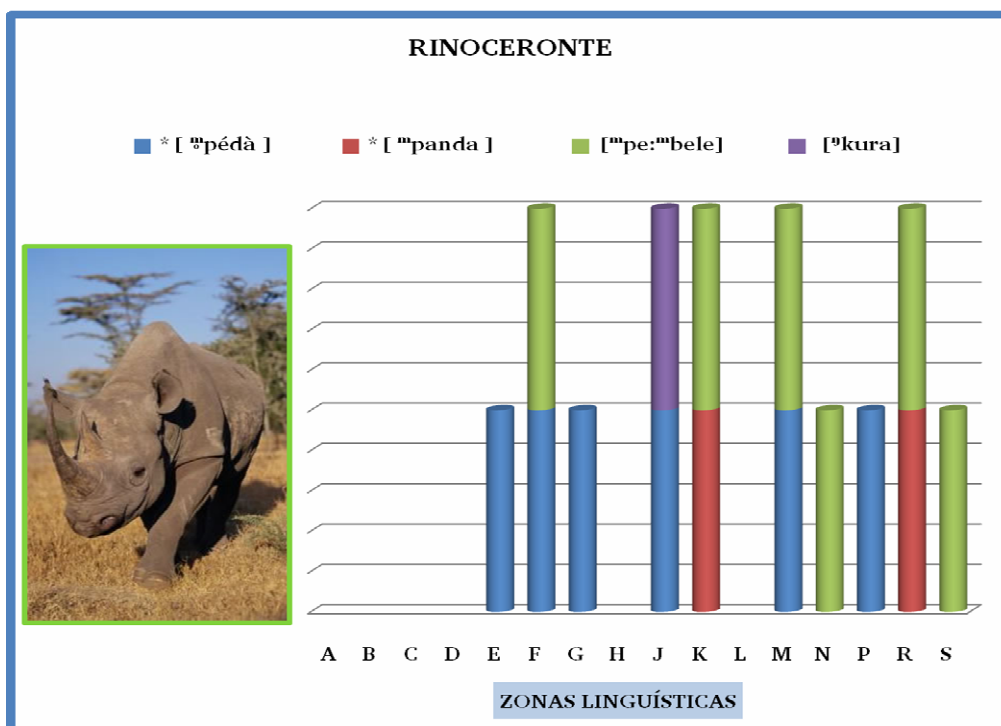
4.4.8. Agrupamentos menores e formas isoladas

Quadro 48: Agrupamentos menores

húr ^j a	E51
^m bur ^j a	G22
^m bús ^j a	E55
^ɲ púr ^j a	E54
^m vur ^j a	E52
^m búdza	E731
^ɲ t ^h éma	S10
t ^h émà	S21
ts ^h úgúlú	S21
gukuá	E531
bekí	C41
i: ^m pɔ: ^ɲ gɔ	D28
lo: ^ɲ gɛ: ^m bú	C36d
ifeké eténi	C141A
^m bu: ^ɲ gu	H12
^ɲ sɔtu	K22/152
ʃila: ^ɲ g ^w a	L62
fume	K333
ɔ: ^ɲ gava	R30
kak ^w ɛ:lɛ	M61

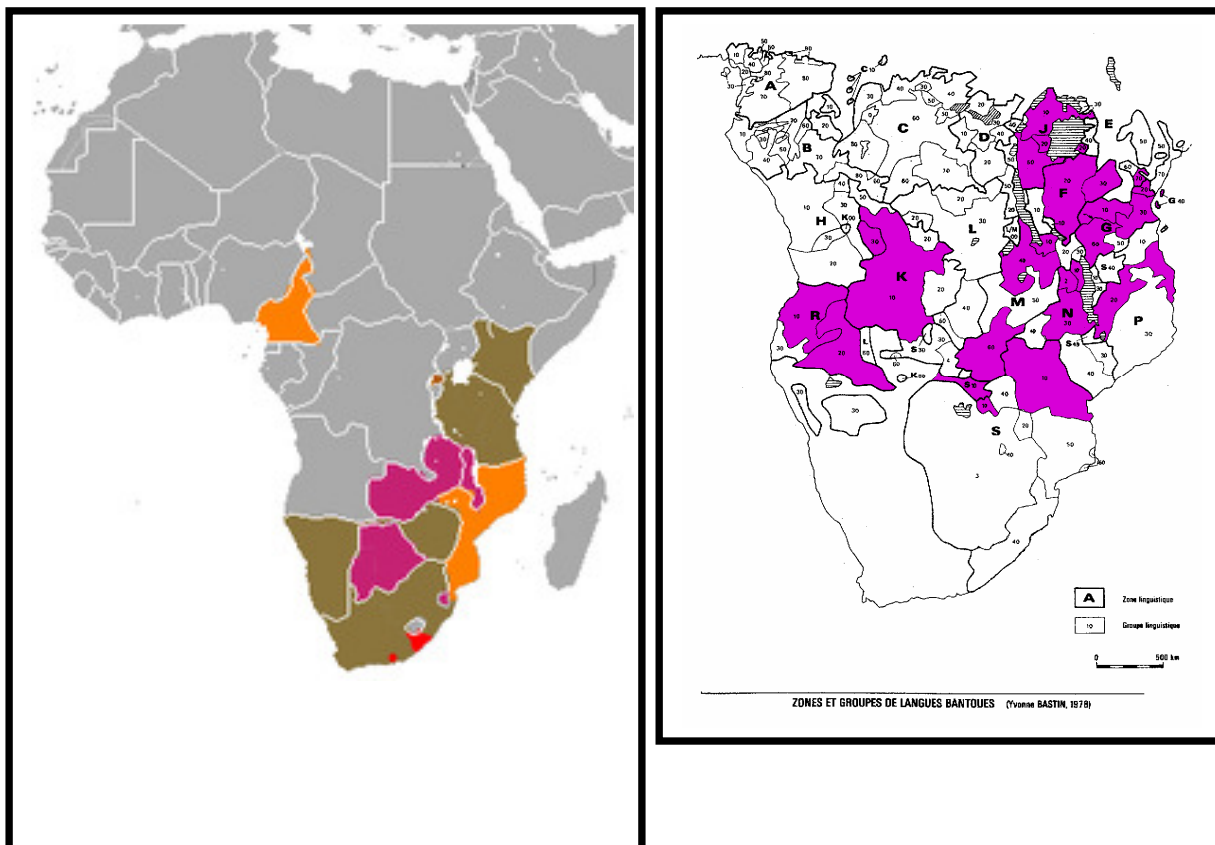
kevukevu	K11
εkitʰɔ̃ ⁿ davei	JE31D

GRÁFICO 4: RECAPITULAÇÃO DOS REFLEXOS



MAPAS COMPARATIVOS

MAPA 54: LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA VERSUS ZONAS LINGÜÍSTICAS



PROJEÇÕES PARA O FUTURO

À guisa de conclusão, gostaríamos de considerar este trabalho como apenas uma primeira etapa de um projeto pessoal mais ambicioso que visa a reconstrução paleolinguística das denominações dos cinco grandes herbívoros africanos. o mais além possível do bantu, ou seja, nos seguintes níveis sucessivos de profundidade préhistórica:

- Proto-Bantu *stricto sensu*
- Proto-Bantu *lato sensu* (com inclusão do *Grassfields Bantu*)
- Proto-Benue-Cono
- Proto- Niger-Congo
- Proto-Niger-Kordofan.

Para tanto, pretendemos consolidar este primeiro esboço de identificação que representa a presente dissertação através das seguintes iniciativas:

- aprimorar a quantidade e a qualidade dos reflexos bantu disponíveis, visando uma inclusão, notadamente
 - (a) do estudo comparativo dos tons
 - (b) de uma precisão fonética a mais apurada possível
 - (c) da morfologia pré- ou pós-radical(aumentos, classificadores prefixais ou sufixais);
- identificar e mapear o conjunto dos agrupamentos de cognatos atestados nesta vasta área sub-saariana, que se estende do Senegal à África do Sul e cobre o habitat dos cinco grandes herbívoros, com a exclusão das áreas ocupadas pelas línguas nilóticas e khoisan;
- evidenciar inevitáveis interferências que, no decorrer de milênios, ocorreram dentro da mosaica das línguas oriundas do Proto-Congo-Kordofan
- contribuir a um maior conhecimento das rotas migratórias negro-africanas.

Obviamente a concretização de tal projeto, talvez utópico em razão de sua amplitude, depende crucialmente de um acesso a acervos bibliográficos altamente especializados, que somente existem em pouquíssimos "templos do saber", tais como nas bibliotecas da School of Oriental Studies da Universidade de Londres, na Universidade de Leiden na Holanda e no Museu Real da África Central de Tervuren na Bélgica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS GERAL

- ANGENOT, J.-P. (1971). *Aspects de la Phonétique et de la Morphologie de l'Ewondo, Cameroun*. Thèse de doctorat. Université de Leiden. 107 pp.
- ANGENOT, Jean-Pierre & Jacques L. VINCKE (1981). “The Ruwund tonal system”, in Jean-Pierre Angenot, Gilles Istre, Jaap Spa & Paulino Vandresen, eds. *Studies in Pure Natural Phonology and Related Topics*. UFSC Working Papers in Linguistics. Florianópolis, Santa Catarina, Brazil. 103-106.
- ANGENOT, J.-P. & W. SAMPAIO (1996), “A pausa virtual como gatilho nasalizador da periferia silábica das oclusivas sonoras em Urueuwauwau e Karitiana”, *Anais do X Encontro Nacional da ANPOLL*. João Pessoa.
- ANGENOT, G. de Lima (1997). *Fonotática e Fonologia do Lexema Proto-Chapakura*. UNIR Working Papers in Amerindian Linguistics. 187 p.
- ANGENOT, J.-P. & G. ANGENOT, G. de Lima (2001), “Em prol de uma arquitetura dos mecanismos de corrente de ar, do fluxo transglotal e da constrição trifásica”, *Resumos do Encontro da ANPOLL “Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática e História”*. Belém do Para: UFPa.
- ANGENOT, G. de Lima (2002). *Description Phonologique, Grammaticale et Lexicale du Moré, Langue Amazonienne de Bolivie et du Brésil*. Thèse de doctorat. Université de Leiden. 997 p.
- ANGENOT, Geralda de Lima & ANGENOT, Jean- Pierre (2006). “A identificação etimológica dos afros- brasileirismos de origem bantu” : Uma área de pesquisa ainda no limbo. IV Encontro da ABECS: Goiânia: Universidade Federal de Goiás.
- ANGENOT, Geralda de Lima & ANGENOT, Jean- Pierre (2008), “Inventário dos Étimos nominais proto-bantu: 1550 Reconstruções. Guajará-Mirim - RO: CEPLA Working Papers in Linguistics.

- ANGENOT, Jean-Pierre & ANGENOT, Geralda de Lima (2008). Programa Integrado de Reabilitação do Patrimônio Imaterial Afro-Iberoamericano: Os bantuisismos em espanhol e português da América: “Tableau Comparatif des données bantoues collectées en vue de la recherche étymologique d’ environ 5000 bantouismes brésiliens”. Guajará- Mirim-RO/Brasil.

- ANGENOT, Geralda de Lima & ANGENOT, Jean- Pierre (2009). “Controvérsia sobre a confusão entre os conceitos de étimo e de cognatos”, University of São Paulo, 6 Wocal_ Congresso of African Linguistics Brazil.

- ANGENOT, Geralda de Lima (2009). Apostila: “O aumento pré-prefixal bantu: Diacronia e Sincronia”, Curso de Extensão Preparatório do Mestrado em Ciência da Linguagem, Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Campus de Guajará-Mirim, Rondônia.

- ANGENOT, Geralda de Lima (2009). Apostila: “A estrutura morfológica do verbo em proto-bantu”, Curso de Extensão Preparatório do Mestrado em Ciência da Linguagem, Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Campus de Guajará-Mirim, Rondônia.

- ANGENOT, Geralda de Lima (2010). “Inquérito Linguístico :Anotações sobre à à Língua Minungu”. Luanda : Grupo de Estudo/Pesquisas em Línguas e Políticas Linguísticas- GELIPOL.

- ANGENOT, Geralda de Lima (2010). “Inquérito Linguístico :Anotações sobre à à Língua Chokwe. Luanda” : Grupo de Estudo/Pesquisas em Línguas e Políticas Linguísticas- GELIPOL.

- ANGENOT, Geralda de Lima & AMARAL, Gustavo Gurgel do (2009). “Classificação tipológica e genealógica das Línguas Africanas, Afros& Amazônicos”. Revista do Grupo de Pesquisas Interdisciplinares Afro- Amazônicos- GEPIAA. On-line. Número 1. Porto-Velho: Universidade Federal de Rondônia.

- ABNT NBR 14724, Associação Brasileira de Normas e Trabalhos Técnico. (2011). 3ª edição.
- BENJAMIM SANTOS, C. (2007). *Aspectos morfossintáticos dos pronomes pessoais em anaan*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, manuscrito.
- BOPP, Franz (1816). O sistema de conjugação do sânscrito comparado aos das línguas grega, latina, persa e germânica.
- CALLOW, J. c. (1962). *The Apinayé Language*. PhD dissertation. University of London.
- CLEMENTS, G. N. (1985). “The geometry of phonological features”, *Phonology Yearbook*, 2.
- CLEMENTS, G.N & E.V.HUME (1995) “ The internal organization of speech sounds”, in J.A. Goldsmith, ed. *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford, UK: Blackwell Publishers. 245-306.
- DRESSLER, W.U. (1984) *Morphonology: The Dynamics of Derivation*. Karoma Publishers.
- FARACO, Carlos Alberto, (2005). *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. Parábola editorial, São Paulo.
- FLORES, Carmita Gomez, (2009). *Miados e Rugidos: As denominações dos Felinos em bantu*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Campus de Guajará- Mirim, Rondônia.
- GREENBERG, J. H. (1963). *Languages of Africa*, 2 ed. Bloomington: Indiana University Center in Anthopology, Folklore and Linguistics.

- GUTHRIE, M. (1953). *The classification of Bantu languages*. Oxford University Press.

- HYMAN, L. M. (2003). "Segmental phonology", in D. Nurse & G. Philippson , eds. *The Bantu Languages*. London & New York.: Routledge. 42-58.

- KIPARSKY, P. (1982) “ From Cyclic Phonology to Lexical Phonology”, in H. van der Hulst & N. Smith, eds. *The structure of Phonological Representations*. Vol.1. Dordrecht: Foris Publications.

- LADEFOGED, P. & I. Maddieson (1996). *The Sounds of the World's Languages*. Oxford: Blackwell Publishers. 425 p.

- LAVER, J. (1994). *Principles of Phonetics*. Cambridge University Press. 707 p.
- MADDIESON, I. (2003). "The sounds of the Bantu languages", in D. Nurse & G. Philippson , eds. *The Bantu Languages*. London & New York.: Routledge. 15-41.

- MADDIESON, Ian (1990). “Shona velarization: complex consonants or complex onsets?”, *UCLA Working Papers in Phonetics*, 74: 16-34.

- MADDIESON, Ian (2003), “ The Sounds of the bantu languages”, in: *The Bantu Languages*, eds: Derek Nurse and Gérard Phillippon.

- MEEUSSEN, A. E. (1967). "Bantu grammatical reconstructions", *African Linguistics* 3, 80-122.

- MUTOMBO HUTA-MUKANA (2008a), Curso de Extensão Preparatório do Mestrado em Ciência da Linguagem. Disciplina: “As Estruturas das Línguas Africanas”. In: BLEEK, Wilheem (1886) *A Comparative Grammar of South African Languages*.

- MOHANAN, K.P. (1986) *The Theory of Lexical Phonology*. Dordrecht: Reidel.

- MUTOMBO HUTA-MUKANA, Daniel (2008b), Apostila: “Classificação Tipológica e Genética das Línguas Africanas”. In: GUTHRIE, Malcolm (1948) *The Classification of the Bantu Languages* In: GREENBERG, Joseph Harrauld (1963). *Languages of África*.
- MUTOMBO Huta-Mukana, Daniel (2008c), Apostila: “Linguística Histórica-Comparativa”, Aulas no Mestrado em Ciências da Linguagem.
- OKOUDOWA, Bruno (2010). *Morfologia Verbal do Lembaama*. Tese de doutorado Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- OLIVEIRA, Maria Santos Duarte de (2005). Ibíbio e a interface fonologia/sintaxe. Seminário apresentado no Grupo de Estudo Fonética e Fonologia – Departamento delinguística– FFLCH/ USP.
- OLIVEIRA, Maria dos Santos Duarte de (2007), “Revisiting the Ibibio tense system”. In: O. Ndimele (ed.). *Language & culture in Nigeria: a festschrift for Okon Essien*. Aba: National Institute for Nigerian Languages, 2004, p. 889-906.
- RAUEN, Fábio José (2002). *Roteiro de investigação científica*. Editora Universidade do Sul de Santa Catarina- UNISUL.
- SANTIAGO, Joane de Lima (2011). *Zoonimia Histórico-comparativa Bantu: Os Cinco Grandes Herbívoros Africanos*. Dissertação de Mestrado. Guajará-Mirim, Brasil: Universidade Federal de Rondônia. 343 p.
- SAPIR, Edward. *Language: An Introduction to the Study of Speech*. New York: Harcourt, Brace, 1921; Bartleby.com, 2000. www.bartleby.com/186/.
- SIENA, Osmar (2008). *Metodologia da pesquisa Científica: elementos para a elaboração e apresentação de trabalhos Científicos*. Porto-Velho.

- SILVA, Janine Félix (2009). *Os bantuismos com início vocálico: retenções de “aumentos” pré- prefixais, reduções de prefixos nominais ou adaptações protética*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Campus de Guajará- Mirim, Rondônia.

- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (2008). *Caminhos da Linguística Histórica*. Parábola Editorial, São Paulo.

- SILVA, Thaís Cristófaró (2011). *Dicionário de Fonética e Fonologia*, editora contexto, São Paulo.

- SCHADEBERG, Th.C (1995), "Spirantization and the 7-to-5 vowel merger", *Belgian Journal of Linguistics*, 9: 73-84.

- STERIADE, D (1991), “Moras and other slots”, in *Proceedings of the Formal Linguistics Conference of the Midwest*.

- STERIADE, D (1993). “Closure, release, and nasal contours”. *Phonetics and Phonology*, 5:401-470.

- UNESCO (2010a). Comitê Científico Internacional. *História Geral da África – II. África Antiga*, editor: Gamal Mokhtar.

- UNESCO (2010b). Comitê Científico Internacional. *História Geral da África, África do século VII ao XI*. Edt: Mohammed El Fasi & Hrbek

- VIARO, Mário Eduardo (2011). *Etimologia*. Editora contexto, São Paulo.

- WETZELS, W. L. (1995), “Contornos nasais e estrutura silábica em Kaingáng”, in L. Wetzels, ed. *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 265-296.
- <http://www.africa-turismo.com/mapas>. Acesso em: 24 de junho de 2009;
- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Human_Language_Families_\(wikicolors](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Human_Language_Families_(wikicolors)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS OS AUTORES CONSULTADOS E CITADOS

- AYOTTE, Michael & Charlene Ayotte (2002). “Sociolinguistic Language Survey of Ngwe”, SIL Electronic Survey Report SILESR 2003-004.
- BASTIN in : Kwanum & Keller 1977 ;
- BASTIN Yvonne, André COUPEZ & M. MANN (1999). "Basic vocabulary list", *Continuity and Divergence in the Bantu Languages: Perspectives from a Lexicostatistic Study*. Tervuren: Royal Museum for Central Africa.
- BASTIN, Yvonne, André COUPEZ, Evariste MUMBA & Thilo C. SCHADEBERG (2003), *Bantu lexical reconstructions 3 (BLR3)*. Tervuren & Leiden.
- BAIÃO Domingos V. (1938). *Elementos de Gramática Ganguela*.
- BAIÃO Domingos V. (1939). *Dicionario Ganguela-Portugues*.
- BAKAMBA, Mputu Alpheé (2001). *Esquisse du parler lohangó*.
- BAKATUMANA-Ntumba (1984). “Les réflexes des phonèmes proto-bantu en kinyakasenga”. Lubumbashi: UNZ.

- BAREAU & Reding (1912). “Vocabulaire Français” – Mobenge et Mobenge – Frabçais. Bruxelles: Imprimerie Veuve Monnom. 70 p.

- BARNES, Herbert (1902). *Nyanja-English Vocabulary*. London. 207 p.

- BLANCHON Jean Alain, (1987a). “Les voyelles finales des nominaux en i-nzebi (B52) ”.

- BLANCHON Jean Alain, (1987b). “Les classes nominales 9, 10 et 11 dans le groupe bantu B40”.
- BLANCHON Jean Alain (1988). “Relèvements tonals en eshira et en massango : première approche d'une tonologie comparée du groupe bantu B40”.

- BLANCHON, Jean Alain & M. Alihanga MARTIN (1992). "Notes sur la morphologie du lempiini de Enyuga”, *Pholia*, 7: 23-40.

- BEAVON K. (1977a). “Phonological Analysis of the Konsime Language (Dialect of Lomié)”, Yaounde: Summer Institute of Linguistics. 74pp.

- BEAVON, Keith H. (?). *Badwe’e-French lexicon*. SIL Cameroon. 353 p.

- BEAVON, Keith H. (1983). “A phonology of Konzime”, *Africana Linguistica* 9, Tervuren: Annales du Musée Royal de l’Afrique Centrale, 109-136.

- BEAVON, Keith H. & Mary Beavon, eds. (1996). *Lexique koonzime-français*. SIL Cameroon. 121 p.

- BEAVON, Keith H. & Mary Beavon. (2003) *Mpyemo-French lexicon*. SIL Cameron.

- BEGNE, Léopold P. (1980). “The phonology of Bikele. A Cameroonian language”.

- BENNETT Patrick R. (1967). “Dahl's law and Thagicu”.
- BENSON T.G. (ed.), (1964). *Kikuyu-english dictionary*.
- BENTLEY W. Holman, (1887). *Dictionnary and Grammar of the Kongo language as spoken at San Salvador, the Ancient Capital of the Old Kongo empire, West. Africa*
- BBEMON-Musubao B. (1971). *Eléments de grammaire mbudza. Phonologie et Morphologie*.
- BLEEK, Wilhelm H.I. (1856). *The languages of Mosambique Vocabularies of the Dialects*;
- BLENCH, Roger M. (2001). "The Bendi languages: More lost Bantu languages?" Proceedings of the 32nd Annual Conference on African Linguistics: Benue-Congo Workshop Berkeley. 26 p.
- BLENCH, Roger M. (2009a). "Akɔɔse reptiles and amphibians – Nyam eche édule ".
- BLENCH, Roger M. (2009b). "Akoose mammals". Online. 3 p.
- BLENCH, Roger M. (2010). "The Western Momo languages: Branches of Grassfields". Online.
- BILONGO B.N.-B. (1972). “Essai d'une phonologie comparée des formes nominales et pronominales des langues sonde et ngongo”, Mémoire. Lubumbashi: UNZ.
- BIRD, Steven & Maurice Tadadjeu (1997). *Petit dictionnaire Yémba-Français*. Yaoundé, Cameroun: ANACLAC, SIL. 176 p

- BISSILA S.B. (1991). "Description phonologique du laale (dialecte teke du Congo", Mémoire. Brazzaville: Université Marien Ngouabi.

- BITON A. (1907). *Dictionnaire français-ndumu et ndumu-français, précédé d'éléments de grammaire. Franceville.*

- BOURQUIN W.(1923). Neue Ur-Bantu-Wortstämme nebst einem Beitrag zur Erforschung der Bantuwurzeln. Berlin: D. Reimer, Beihefte zur Zeitschrift für Eingeborenen-Sprachen, Heft 5.

- BOURQUIN W. (1953). Weitere Ur-Bantu Wortstämme. UB 38, 1: 27-48.

- BOKULA Francois-Xavier (1970). "La langue bodo : formes nominales".

- BOSTOEN, Koen (2009a). "Shanjo and Fwe as Part of Bantu Botatwe: A Diachronic Phonological Approach", in Akinloye Ojo & Lioba Moshi, Eds. Selected Proceedings of the 39th Annual Conference on African Linguistics Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. 110-130.

- BOSTOEN, Koen, Jacky Maniacky & Mark Stoneking (2006). "An integrated linguistic and genetic approach to population dynamics in western Zambia", The 36th Colloquium on African Languages and Linguistics. University of Leiden.

- BOTNE Robert & Tilimbe Kulemek A. (1995). *A learner's Chichewa and English dictionary.*

- BLOOD, Cynthia L. & Leslie David (1999). *Oku-English Provisional Lexicon.* SIL Cameroon.

- BROUGHALL Woods R.E. (1924). *A short introductory dictionary of the Kaonde language with English-Kaonde appendix.*

- BROWN Gillian, (1972). *Phonological Rules and Dialect Variation. A study of the Phonology of Lumasaaba.*

- BRYE, Edward (2005). "Rapid Appraisal Sociolinguistic Survey of Beba", SIL Electron.

- BRYE, Edward, Elizabeth BRYE & Roseta SWIRI (2005). "Rapid Appraisal Sociolinguistic Survey of Mundum", SIL Electronic Survey Report SILESR 2005-024.ic Survey Report SILESR 2005-019.

- BRYE, Edward; LEM, Lilian, authors. (2008). "Rapid appraisal sociolinguistic language survey of Ngamambo of Cameroon."

- BURSENS Nico, (1993). *Lexique et texte wongo (Bandundu Z)*

- BYARUSHENGO, Ernest Rugwa, Larry M. Hyman & Sarah Tenenbaum (1976), "Tone, accent, and assertion in Haya", in L. Hyman, ed. *Studies in Bantu Tonology*. University of Southern California Occasional Papers in Linguistics 3: 183-206.

- CALLOC'H J. (1911). *Vocabulaire francais-ifumu (Bateke), précédé d'éléments de grammaire*.

- CAMBIER E. (1891). "Essai sur la langue congolaise (iboko)".

- CARRINGTON, John F. (1947). "Notes sur la langue olombo (turumbu)", *Aequatoria*, 10: 102-113.

- CARTER Hazel, (1962). "Notes on the tonal system of Northern Rhodesian Plateau Tonga".

- CHATELAIN, Heli & W. R. Summers (1894). "Bantu Notes and vocabularies. No. II. Comparative tables and vocabularies of Lange, Songe, Mbangala, Kioko, Lunda, etc.", *Journal of the American Geographical Society of New York*, 26: 208-240.

- CRABB David W. (1962). "Nasal and nasalized roots in Proto Southern Bantu".

- CRABB David W. 1962, Dictionnaire français-kiswahili.
- CHELO Lotsima, (1973). "Phonologie et morphologie de la langue olombo (Turumbu) ".

- CREISSELS, Denis (1994). "La tonalité des finales verbales et la distinction entre ormes verbales conjointes et formes verbales disjointes en tswana", *Africana Linguistica*. Tervuren: Annales du Musée Royal de l'Afrique Centrale. 12: 27-48.

- CREISSELS, Denis (1996). *Tswana Wordlist (5.500 items)*.

- CREISSELS, Denis (1999). "Bimoraic syllables in a language without length contrast and without consonants in coda position: the case of Siswati (S43)", in Blanchon, Jean A. & Denis Creissels, eds. *Issues in Bantu Tonology*. Köln: Rüdiger Köppe Verlag. 153-196.

- CREISSELS, Denis (2005). "Tswana verb morphology and the Lexical Integrity Principle", *Proceedings of the 5th Mediterranean Morphology Meeting (MMM5)*. .

- COENE, A. (1960). "Kikongo: Notions grammaticales et Vocabulaire". Français-Kikongo-Néerlandais-Latin. 102 p.

- COLENSO, John W. (1861). "Zulu-English Dictionary". Pietermaritzburg, South Africa. 552 p.

- COUPEZ, André (1954). "Etudes sur la Langue Luba", Tervuren, Belgique: Annales du Musée Royal du Congo Belge. Vol. 9.

- COUPEZ, André (1955a). "Esquisse de la Langue Holoholo", Sciences de l'Homme – Linguistique, 12. Tervuren, Belgique: Musée Royal de l'Afrique Centrale. 161 p

- COUPEZ, André (1955b). "Holoholo Wordlist". (700 items)

- COUPEZ A. 1976. *Dictionnaire sanga*. Ms. Tervuren: MRAC.

- COX, Elizabeth Ellen (?). *Dictionary: English-Kirundi*. Marston Memorial Historical Center, Free Methodist Church of America. 160 p.

- CLOAREC-HEISS France & THOMAS Jacqueline M.C. (1978). "L'aka, langue bantoue des pygmées Mongoumba (Centrafrique) - Introduction à l'étude linguistique - Phonologie".

- CUENOD R. (1976). *Tsonga-english Dictionary*.

- DAELEMAN J. (1961). "Kiholu, notes provisoires", Ms. Tervuren: MRAC.

- DJAMBA Ndjeka R. 1995. *Eléments de description du lifunga, langue bantu de la zone C*. Mémoire. Bruxelles: ULB.

- DAELEMAN, Jan. (1983). "Tone-groups and tone-cases in a Bantu tone-language", *ITL: Review of Applied Linguistics*, 60-61: 131-142.

- DAMMANN, Ernst (1957). "Studien zum Kwangali" : *Grammatik*, Texte, Glossar. Hamburg : De Gruyter & Co. [only: 144-182]

- DAVIS M.B. (1952). *A Lunyoro-Luyankole-English and English-Lunyoro-Lunyakole Dictionary*. Kampala: The Uganda Book Shop; London: MacMillan and Co.

- DEREAU, Léon (1955). *Cours de Kikongo*. Namur, Belgium: Maison d'Editions Ad. Wesmael-Charlier. 232 p.

- DE BLOIS, K. F. (1975). "Bukusu Generative Phonology and Aspects of Bantu Structure", *Sciences Humaines*, 85. Tervuren, Belgique: Musée Royal de l'Afrique Centrale. 232 p.

- DE MAHIEU W. (1975). "Note linguistique et index des termes komo". In W. de Mahieu, *Les structures sociales du groupe komo dans leur élaboration symbolique*, 654-686, 709-721. Leuven: KUL.

- DE ROP Albert J. (1971). "Esquisse de grammaire mbole".

- DE WITTE, P. (1955). "Taalstudie bij de Basakata", *Annales du Musée Royal du Congo Belge. Sciences de l'Homme – Linguistique* 10. Tervuren, Belgique.

- DIARRA, Boubacar (1985). *Esboço Fonológico & Alfabeto: Kikoongo, kimbundu, cokwe, umbundu, mbundu, oxikwanyama*. Luanda, Angola: Instituto de Línguas Nacionais. 140 p.
- DIARRA, Boukabar (1987). *Léxico Temático de Saúde Português-Umbundu*. Luanda: Secretaria de Estado da Cultura.

- DIARRA, Boubacar, ed. (1992). *Léxico Base Português-Mbunda, Mbunda-Português*. Luanda: Secretaria de Estado da Cultura & Instituto de Línguas Nacionais. 59 p.

- DICKENS Patrick, (1986), "Qhalaxarzi phonology".

- DODO-Bounguendza, Eric (1988). "Le koko de Sogeland. Langue bantoue du Cameroun (A 43)."

- DODO-Bounguendza, E. (1992). "Esquisse phonologique et morphologique du gisira, langue bantoue (B41) du Gabon". Bruxelles: ULB.

- DÖHNE, Jacob Ludwig (1857). *Zulu-Kafir Dictionary, etymologically Explained* Pike's Machine Printing Office. 476 p.

- DOKE Clement M. (1933). *English-Lamba Vocabulary*.

- DOKE Clement C.M.& Vilakazi B.W. (1949). *Zulu-english Dictionary*

- DOWNING Laura J. (1996). *The tonal phonology of Jita*.
- DUNHAM, Margaret (2001). *Description ethno-linguistique des Valangi de Tanzanie*. Thèse. Université de la Sorbonne Nouvelle (Paris 3). 409 p.
- ECA Mmunga, (1991). *Lexique comparé des parlers Bembe*
- ELLIOTT, William Allan (1897). *Dictionary of the Tebele and Shuna Languages*. With illustrative Sentences and some grammatical Notes. London. 488 p.
- ERNST Urs, (1989). “Lexique kako-français et français-kako avec tableaux de conjugaison, Département de la Kadey, province de l'Est.
- FIORE, Lynne Ellen (1987). “A Phonology of Limbum”. SIL Camerron Working Papers. 159 p.
- FISCH Maria, (1977). “Einführung in die Sprache der Mbukushu”, Ost-Kavango Namibia.
- FISCHER M.K. (1963). Lunda-Ndembu handbook.
- FLEISCH Axel, (2000). Lucazi grammar - A morphosemantic analysis
- FLEISCH Axel, (2005). Agent phrases in Bantu passives
- FONTANEY, V. Louise (1988). “Mboshi: steps towards a grammar, part 1”, *Pholia*, 3: 87-167.
- FORGES Germaine, (1977). “Le kela, langue bantue du Zaïre (Zone C). Esquisse phonologique et morphologique”.
- FORGES, Germaine (1983). “La classe de l’infinitif en bantou”, *Africana Linguistica* 9. Tervuren: Annales du Musée Royal de l’Afrique Centrale, 257-26

Forges, Germaine (1983). Phonologie et Morphologie du Kwezo. Musée Royal de l'Afrique Centrale, série in-8-Sciences humaines- 113.465

- FRIESEN, Dan T. & Friesen (2001). "Word list", Extendibility Survey of Oroko. Unpublished manuscript.13-15. [121 items]
- GALERNE Anne, (2001). Le ndengese, Description d'une langue bantoue, Etude du syntagme nominal
- GALLEY, Samuel (1964). "Dictionnaire Fang-Français et Français- Fang suivi d'une Grammaire Fang.Neuchâtel", Suisse: Editions Henri Messeiller. 592 p.
- GARDNER, William L. (2006). *Language Use in the Epena District of Northern Congo* . SIL Electronic Survey Report SILESR 2006-005. 108 p.
- GAZANIAL & HYMAN, Larry (1996). *Koyo wordlist* (1.700 items)
- GAZANIA, Rollande (1972). *Aspects phonologiques et morphologiques du koyo*.
- GREENBERG, H. Joseph (2001) "The methods and purposes of linguistic genetic classification", *Language and Linguistics*, 2.2: 111-135.
- GILLIS A. (1981). *Dictionnaire francais-kiluba*.
- GUTHRIE M. (1951). "Grammaire et dictionnaire de lingala, avec un manuel de conversation français-lingala". Léopoldville: La librairie évangélique au Congo.
- GUSIMANA Barthelemy, (1952). *Ha Mago Gukatuga Lo. Fransi-Kipende*.
- GUSIMANA, Barth (1955). *Dictionnaire Français-Kimbala*. Banningville: Imprimerie Vicariat du Kwango.

- GUSIMANA Barthelemy, (1972). *Dictionnaire pendé-français* (tonalité ajoutée par Mudiji), Bandundu: CEEBA 3, 1.
- GUARISMA, Gladys (1969). *Etudes Bafia*. Paris: SELAF, Klincksieck.
- GUERREIRO, M. Viegas (1963). *Rudimentos da Língua Maconde*. Lourenço Marques: Instituto de Investigação Científica de Moçambique.
- GUILLOT, R. (?). *Petite Grammaire de l'Usalampasu*. 184 p.
- HÄFLIGER Johannes, (1909). *Kimatengo-Wörterbuch*.
- HALME, Riikka (2004). *A Tonal Grammar of Kwanyama*. Series: Namibian African Studies. 8. Köln: Rüdiger Köppe Verlag. 299 p.
- HANNAN, Michael (1959). *Shona Wordlist* (20.000 items).
- HANNAN M. (1974). *Standard Shona Dictionary*. Salisbury: Mardon printers Ltd. for Rhodesia Literature bureau, 2^e édition.
- HARRIES Lyndon, (1955), *Grammar of Gesogo*.
- HEDINGER, Roger (1987). "The Manenguba Languages (Bantu A15, Mbo cluster) of Cameroon". School of Oriental and African Studies: University of London. 309 p.
- HELMLINGER, Paul (1972). *Dictionnaire Duala-Français, suivi d'un Lexique Français-Duala*. Paris: Editions Klincksieck. 688 p.
- HENNIN R. s.d. Kizimba (Binja-Sud). Ms. Tervuren: MRAC.
- HERRMANN, (1904). "Lusiba, die Sprache der Länder Kisiba, Bugabu, Kjamtwara, Kjanja und Ihangiro, speziell der Dialekt der Bayossa".

- HETHERWICK Alexander, (1916). “A pratical manual of the Nyanja language.”
- HOCHEGGER H. (1972). *Dictionnaire buma-français, avec un aperçu grammatical*. Bandundu: CEEB.
- HOLLIS, A. C. (1909). *The Nandi: Their Language and Folk-lore*. Oxford at the Clarendon Press. 452 p.
- HOMBERT J.-M. & Mouele M. (1988). “Eléments de phonologie diachronique du wanzi (langue bantu du Gabon-groupe B50)”. *Pholia* 3: 183-205.
- HOMBERT Jean-Marie, (1988). *Tonper, un test de perception pour langues tonales*. Applications au bulu (Sud-Cameron) *Pholia* 3.
- HOMBERT Jean-Marie, Manfoumbi M. & Mbongo J.-L., (1989). Notes sur la phonologie diachronique du sake.
- HOMBURGER, L. (1925). Mission Rohan-Chabot : Le Groupe Sud-ouest des Langues bantoues: Kwambi, Bailundu, Chokwe, Ngangela, Nyaneka, Ndonga, Luyi, Mbundu, Kwanyama, Herero, Humbe. Paris: imprimerie Nationale.
- HOOVER Jeffrey J. (1975). An Uruund-english dictionary (Lunda of Mwant Yav).
- HULSTAERT, Gustaaf (1957a). “La langue ntomba”, *Aequatoria*, 20: 57-62.
- HULSTAERT, Gustaaf (1957b). *Dictionnaire Lomongo-Français*. Annales du Musée Royal du Congo Belge. Tervuren, Belgique. 1.948 p.
- HULSTAERT Gustaaf, (1966). *Grammaire du lomongo*. Troisième partie: Syntaxe.

- HULSTAERT, Gustaaf (1987) "Complément au Dictionnaire Lomongo-Français: Additions et corrections", Aequatoria, 2. Bamanya-Mbandaka, R. D. Congo. Centre Aequatoria. 476 p.

- HULSTAERT, Gustaaf (1988). "Supplément à la grammaire lomongo", Estudosm Aequatoria, 4. Bamanya -Mbandaka, R. D. Congo: Centre Aequatoria. 126 p.

- HULSTAERT, Gustaaf (1991). "Le dialecte des Ngelewa", Annales Aequatoria, 12. Bamanya - Mbandaka: R. D. Congo. 425-444.

- HULSTAERT, Gustaaf (1993). "Les inédits de G. Hulstaert", Annales Aequatoria, 14. Bamanya - Mbandaka: R. D. Congo. 7-406.

- HUNTINGFORD G.W.B. (1965). *The Orusyan language of Uganda*.

- HUREL Eugen, (1909). *La langue kikerewe*.

- HYMAN, Larry M. & Francis X. Katamba (1990-1991). "The augment in Luganda tonology", Journal of African Languages and Linguistics, 12: 1-45
- ILIKU M.D. (1979). *Esquisse grammaticale de la langue tsong: phonologie et morphologie*. Mémoire. Lubumbashi: UNZ.

- JACOB I. (1984). *Dictionnaire rwandais-français*. en 3 volumes-extrait du dictionnaire de l'Institut National de recherche Scientifique Kigali. Kigali: Imprimerie scolaire

- JACOBS John & Omeonga Barthelemy, (2001). Classes nominales et radicaux verbaux en isiamba (Tulungu, Kindu).

- JACOBS John, (2000). Classes nominales et radicaux verbaux en lombole (Katoko-Kombe) Sankuru, Kasai oriental

- JACQUOT, André (1982a). *Laadi wordlist* (9.000 items)

- JACQUOT, André (1982b). *Etude descriptive de la langue laadi*. Université de Lille 3. 277 p
- JACQUOT, André (1982c). *Lexique Laadi (Koongo)*. Oralité – Documents 3. Paris.
- JACQUOT, André (1983). Les Classes Nominales dans les Langues Bantoues des Groupes B.10, B.20, B.30. Office de la Recherche Scientifique et Technique d’Outre-Mer (ORSTOM).
- JENNIGES J.P. (1909), *Dictionnaire francais-kiluba*.
- KADIMA, Marcel (1965). “Esquisse Phonologique et Morphologique de la Langue Nyanga”, *Africana Linguistica* 2, Tervuren, Belgique: Musée Royal de l’Afrique Centrale, 55-112.
- KAKEYA Makodo & NISHIDA Toshisada, (1976). “A glossary of Sitongwe”. Tokyo: Kurasa 55.
- KAGAYA Ryohei, (1987). “ Tonal patterns of Cilungu imperatives”.
- KAGAYA Ryohei, (1989). “A study on the tonal system of the Gonja verbs and nouns - A dialect of the southern Pare language”.
- KAGAYA Ryohei, (1992). “A classified vocabulary of the Bakueri language”.
- KAJI Shigeki, (1985). “Lexique tembo I. Tembo-swahili du Zaïre-japonais-francais”.
- KAJI Shigeki, (1992). *Vocabulaire lingala*.
- KAMANDA Kola, (1993). “A propos de la tonalité en zamba”.

- KAMBA Muzenga, Jean-Georges (1980). *Esquisse de Grammaire Kete*. Sciences Humaines, 104. Tervuren, Belgique: Musée Royal de l'Afrique Centrale. 259 p.
- KAVUTIRWAKI, Kambale (1978). *Nande Wordlist* (2.100 items)
- KAWASHA, Boniface Kaumba (2006). "The structure of complement clauses in Lunda", *Studies in African Linguistics*, 35.1: 1-32.
- KENMOGNE, Michel (2000). *The Lexical Phonology of Bakoko*. SIL Cameroon Working Papers. 348 p.
- KISSEBERTH, Charles W. (1996). *Emakhua Wordlist* (7.200 items).
- KONI Muluwa, Joseph & Koen Bostoen (?). "Les plantes et l'invisible chez les Mbuun, Mpiin et Nsong (Bandundu, RD Congo): Une approche ethnolinguistique", *Sprache und Geschichte in Afrika*, 21: 95-122
- KONGNE Welaze, Jacques (2006). *Lexique Tuki-Français-Tuki*. Cameroon. 82 p.
- KLOPPERS, J.K., Nakare D. & Isala L. M. (1994). *Bukenkango Rukwangali-English, English-Rukwangali Dictionary*. Windhoek: Gamsberg Macmillan. 164 pp.
- KUPERUS, Julie (1985). *Londo Wordlist* (1.800 items).
- KUKANDA, Vatomene (1974), *Esquisse Grammaticale du Kimbundu*. Lubumbashi: Université Nationale du Zaïre.
- LABROUSSI C. (1998). *Le Couloir des Lacs. Contribution à l'histoire des populations du sud-ouest de la Tanzanie*. Thèse. Paris: INALCO.
- LAMAN K.E. 1936. *Dictionnaire kikongo-français*. Bruxelles: Institut royal colonial belge, tome II.

- LAMAN, K. E. (1936). *Dictionnaire Kikongo-Français, avec une Etude Phonétique décrivant les dialectes les plus importants de la Langue dite Kikongo*. Institut Royal Colonial Belge. Bruxelles: Librairie Falk fils. 1183 p.

- LAMBERTY, Melinda (2002). "A rapid appraisal survey of Malimba", ALCAM 610. SIL Cameroun.

- LANHAM L.W. (1955), "A study of Gitonga of Inhambane".

- LAST J.T (1886). Grammar of the Kaguru language. Eastern Equatorial Africa

- LE GUENNEC Grégoire & Valente José Francisco, (1972). *Dicionario Português-Umbundu*

- LEGÈRE, Karsten & Munganda Robert (2004). *Thimbukushu-Thihingirisha. English-Thimbukushu: Manandorandathana gho Thikuhonga Subject Glossaries*. Windhoek: Gamsberg Macmillan. 146 pp

- LEITCH, Myles (2004). Langue et dialecte au sud du district d'Epena. SIL Electronic Survey Reports SILESR 2004-007. 58 p.

- LEMAIRE, Charles (1897). Vocabulaire Pratique Français-Anglais-Zanzibarite (Swahili)-Fiote-Kibangi/Irebou-Mongo-Bangala. Bruxelles: Imprimeria Scientifique Ch. Bulens. 52 p.

- LERBAK, Anna E. (1952). Lessons in Uruund of Mwant Yavu (Lunda of Mwata Yamvo). Sandoa: Mission Méthodiste.

- LIA C. (1992). *Lexique bekwel-français*. Mémoire. Louvain-la-Neuve: Université Catholique de Louvain, Faculté de Philosophie et Lettres. Lia Christophe, (1991). *Lexique bekwel-français*.

- LIA Christophe, (1992). *Lexique bekwel-français*.

- LOUBELO F. 1987. Description phonologique du itsaangi, parler de Madouma-Mossendjo. Mémoire. Brazzaville: Université Marien Ngouabi.
- MABIALA, Jean-Noel Nguimbi (1992a). "La situation linguistique de la région du Kouilu (Congo)", *Pholia* 7: 139-150.
- MBUYI-Kabandanyi, (1972). Elements de grammaire kete, phonologie et morphologie.
- MABIALA J.-N. (1992b). "Etudes du kiyoombi, langue kongo du Congo". Mémoire. Lyon: Université Lumière-Lyon 2.
- MAC Jannet M. B. 1949. Chokwe-English, English-Chokwe Dictionary and Grammar lessons. Vila Luso: Missão da Biula.
- MADAN A.C., (1905). Senga Handbook. A short introduction to the Senga dialect as spoken on the lower Luangwa, N-E Rhodesia.
- MADAN A.C. (1906). Wisa handbook, a short introduction to Wisa dialect of North-east Rhodesia.
- MADAN, A. C. (1908). *Lala-Lamba Handbook: A Short Introduction to the South-western Division of the Wisa-Lala Dialect of Northern Rhodesia with Stories and Vocabulary*. Oxford: The Clarendon Press. 147 p.
- MAGALHÃES, António Miranda (1922). *Manual das Línguas Indígenas de Angola segundo o Programa Oficial para Exames Administrativos*. Loanda: Imprensa Nacional de Angola 201 p. [143-149]
- MAGANGA, Clément & Thilo Schadeberg (1992) *Nyamwezi Wordlist* (2.000 items). 16 p.
- MAHO, Jouni Filip (2005a). Draft Bibliography for comparative Bantu Studies.

- MAHO, Jouni Filip (2005b). Select Proto-Bantu Vocabulary. 31 pp
- MAHO, Jouni Filip (2009a). NUGL Online. The online version of the New Updated Guthrie List, a referential classification of the Bantu languages. 131 p.
- MAHO, Jouni Filip (2009b). Web Ressources for African Languages: Bantoid. Online
- MAHO, Jouni Filip (2009d). BOB-Bantu Online Bibliography. Electronic Bibliography for African Languages and Linguistics. 468 p.
- MAHO, Jouni Filip (2010a). Niger-Congo Noun Class Studies: A bibliography Survey 258 pp.
- MAHO, Jouni Filip (2010b). The Bantu Bibliography Supplement. Online. 176 p.
- MAIA, Antônio da Silva (1961). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo. Cucujães: Editorial Missões.
- MAMET M. (1955). La langue ntomba telle qu'elle est parlée au lac Tumba et dans la région avoisinante (Afrique centrale). Tervuren: MRAC, Annales, série-in-8°, Sciences humaines 16.
- MAMET M. (1960). Le Langage des Bolia (Lac Léopold II). Tervuren: MRAC, Annales Sciences de l'Homme 33.
- MAMET, M. (1960). Le Langage des Bolia. Tervuren, Belgique: Annales du Musée Royal du Congo Belge. 269 p.
- MANIACKY, Jacky (1997). *Zone K Bantu et Langues voisines*. On-line.
- MANIACKY, Jacky (2002). *Tonologie du Ngangela: Variété de Menongue*. Thèse de doctorat. Paris INALCO. 399 p.

- MANN M. (1980). *Guthrie's Bemba Vocabulary*. Ms. Tervuren: MRAC.
- MANN, Michael (1995). *Bemba Wordlist* (6.800 items). 195 p.
- MANN Michael, Kashoki Mubanga E. & Wright J.L. (1977), *Language in Zambia. Grammatical Sketches, Vol.I. Bemba et Kaonde*.
- MARCHAL-Nasse C. (1989). *De la phonologie à la morphologie du nzebi, langue bantue (B 52) du Gabon. Thèse. Bruxelles: ULB.* Marchal-Nasse Colette, (1979). *Esquisse de la langue tsogo: phonologie et morphologie*.
- MATEENE, Kahombo C. (1967). “Le changement des phonèmes du hunde à partir du système phonologique”, *Africana Linguistica* 3, Tervuren, Belgique: Musée Royal de l’Afrique Centrale, 65-78
- MATHANGWANE, Joyce (1994). *Kalanga Wordlist* (3.000 items). 82 p.
- MEEUSSEN Achille E. (1950). “*The tones of prefixes in common Bantu*”.
- MEEUSSEN, A. E. (1952). *Esquisse de la Langue Ombo*. Tervuren, Belgique: Annales du Musée Royal du Congo Belge. 110 p.
- MEEUSSEN, A.E. (1980). *Bantu Lexical Reconstructions*. Tervuren: Archives d’Anthropologie.
- MEEUSSEN A.E. s.d. “Notes sur la langue Nyakyusa”. Ms. Tervuren: MRAC.
- MEINHOF Carl, (1905). *Linguistische Studien in Ostafrika*.
- MERTENS J.R.P. (1935). *Les Ba Dzing de la Kamtsha*. Bruxelles: Institut royal colonial belge, Section des Sciences Mor. et Pol., Mémoires-Col. in-8°. Tome IV, partie 1.

- MICKALA-Manfoumbi R. (1988). “Elements de description du duma, langue bantu du Gabon (B51)”.
- MICKALA-Manfoumbi, Roger (2004). *Lexique Pove-Français-Pove*. Libreville: Editions Raponda-Walker. 761 p.
- MISSIONÁRIOS da Companhia de Jesus (1964). *Dicionário Cinyanja-Português*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar. 266 p
- MISSIONARIOS da Companhia de Jesus. (1963). *Dicionário Cinyanja-Português*. Lisboa: Junta Investigações do Ultramar.
- MITI L.M. (1996). “Subgrouping Ngoni varieties within Nguni: a lexicostatistical approach”.
- MÖHLIG W.J.G. 1967. *Die Sprache der Dciriku. Phonologie, Prosodologie und Morphologie*. PhD-dissertation. Köln: Universität zu Köln.
- MÖHLIG, Wilhelm Johann Georg. (1997). “A dialectometrical analysis of the main Kavango languages: Kwangali, Gciriku and Mbukushu”, in Wilfrid H. G. Haacke & Edward E. Elderkin, Eds. (1997). *Namibian Languages: Reports and Papers*. Köln: Rüdiger Köppe Verlag. 211-234.
- MÖHLIG, Wilhelm Johann Georg (2005). *A Grammatical Sketch of Rugciriku (Rumanyo)*. Grammaticische Analysen Sprachen, Bd. 26. Cologne: Rüdiger Köppe Verlag. Pp. 136.
- MÖHLIG, Wilhelm Johann Georg & Jekura U. Kavari. (2008). *Reference Grammar of Herero (Otjiherero)*, Bantu Language of Namibia, with a Glossary Otjiherero – English – Otjiherero. Köln: Rüdiger Köppe Verlag. 362 p.
- MORENO Augustine (compiled by), (1990). *Nambya Dictionary*
- MORRIS H.F.(1963). A note on Lunyole.

- MOTINGEA Mangulu, André (1989a). "Eléments pour la recherche sur les langues de la Ngiri", *Estudos Aequatoria* 7. Bamanya – Mbandaka, R. D. Congo: Centre Aequatoria. 213-227
- MOTINGEA Mangulu, André (1989b). "Esquisse grammaticale du lonkutsu", *Annales Aequatoria*, 10. Bamanya - Mbandaka: R. D. Congo. 90-116.
- MOTINGEA Mangulu, André (1989c). "Sur les parlers nkutsu", *Annales Aequatoria*, 10. Bamanya - Mbandaka: R. D. Congo. 269-280
- MOTINGEA Mangulu, André (1989d). "Sur les parlers riverains de la Ngiri", *Annales Aequatoria*, 10. Bamanya - Mbandaka: R. D. Congo. 91-116.
- MOTINGEA Mangulu, André (1992a). "Esquisse de trois parlers de la Lokenye (Basho, Woji et Atsulu", *Annales Aequatoria*, 13. Bamanya - Mbandaka: R. D. Congo. 277-414
- MOTINGEA Mangulu, André (1992b). "Huit poèmes ngombe", *Annales Aequatoria*, 13. Bamanya - Mbandaka: R. D. Congo. 139-151.
- MOTINGEA, Mangulu, André (1994a). "Esquisse de la langue des Elinga: Le parler de loselinga", *Annales Aequatoria*, 15. Bamanya - Mbandaka: R. D. Congo. 293-340.
- MOTINGEA, Mangulu, André (1994b). "Notes sur le parler des pygmées d'Itendo (zone de Kiri-Maindombe)", *Annales Aequatoria*, 15. Bamanya - Mbandaka: R. D. Congo. 341-382.
- MOTINGEA Mangulu, André (1995). "Note sur le parler dès Babale de la Dua", *Annales Aequatoria*, 16. Bamanya - Mbandaka: R. D. Congo. 365-401.
- MOTINGEA Mangulu André, (1996). Le lingala du Pool Malebo (seconde partie).

- MOTINGEA Mangulu, André (1998). "Esquisse du parler des Byambe et des Lofoma (Losaka), Annales Aequatoria, 19. Bamanya - Mbandaka: R. D. Congo. 231-304.
- MOTINGEA Mangulu, André (2001). "Lopolotsi: Poemas anciens d'un Esclave Bombomba (Equateur, R. D. du Congo)", Journal of Language and Popular Culture in Africa, Archives. Text Archives, 2.
- MOTINGUEA Mangulu, André (2005). "Extensions formelles et suffixes dérivatifs en bantou du groupe C30", in K. Bostoen & J. Maniacky, eds. (2005). Studies in African Comparative Linguistics with Special Focus on Bantu and Mande. Tervuren, Belgique: Musée Royal de l'Afrique Centrale. 361-373.
- MOTIN GEAM.A. (1993). "Note sur le parler des Batswa de Bosabola" (Maindombe-Z). AA 14: 483-501.
- MOUANDZA J.-D. (1991). Esquisse phonologique du iyaa (parler bantou du Congo). Mémoire. Brazzaville: Université Marien Ngouabi.
- MOUGUIAMA-Daouda, Patrick (1990). "Esquisse d'une phonologie diachronique du mpongwe, B10", Pholia, 5: 121-146.1
- MOULD Martin, (1976). *Comparative grammar reconstruction and language subclassification: The North Victorian Bantu Languages*.
- MOUS, Maarten (1986). "Vowel harmony in Tunen", The Phonological Representation of Suprasegmentals. Foris Publications. 15 p.
- MOUS, Maarten & Anneke Breedveld (1986). "A dialectometrical study of some Bantu languages (A.40-A.60) of Cameroon", La Méthode Dialectométrique Appliquée aux Langues Africaines. Dietrich Reimer Verlag
- MUKUMBUTA L. (1984). Some aspects of Luyana tonology.

- MUNDEKE O. (1979). Esquisse grammaticale de la langue mbuun (parler de eliob). Mémoire. Lubumbashi: UNZ.
- MURPHY, M. Lynne (1997). *Venda Wordlist* (8.900 items). 242 p.
- MUTOMBO Huta-Mukana, Daniel (?). *Notes Lexicales Comparées de la Zone C: Osambala, Ohindo, Bobangi, Kusu, Mongo e Otetela*. Manuscrit. [275 itens].
- MUTOMBO Huta-Mukana, Daniel (n.d). *Quelques Données Lexicales Comparées: Lingala, Wongo, Ucókwe, Gipeende, Ciluba*. Manuscrit. [36 itens]
- MUTOMBO H-M. (1973). "Ebauches de grammaire de la langue bembe et du dialecte kalambaayi de la langue luba-Kasayi." Mémoire. Bruxelles: ULB.
- NAKAGAWA H. (1992). *A Classified Vocabulary of the Ha Language*. Tokyo: ILCAA, Bantu Vocabulary series 9.
- NASH, Jay (1996). *Ruund-English Lexicon*. 1.405 p.
- NDAMBA J. (1977). *Syntagme nominal et groupe nominal en vili*. (Langue bantu du Congo).
- NDEMBE-Nsasi (1972). *Esquisse phonologique et morphologique de la langue lwalwa*.
- NDOLO, Pius (1972a). *Essai sur la Tonalité et la Flexion verbale du Gimbala*. Archives d'Anthropologie 19. Tervuren, Belgique: Musée Royal de l'Afrique Centrale. 105 pp.
- NDOLO, Pius & Florence Malasi (1972b). *Vocabulaire Mbala*. Tervuren, Belgique: Musée Royal de l'Afrique Centrale. 121 p.

- NIYONKURU, L. (1983). "Note sur l'assibilation en pende", *Africana Linguistica* 9, Tervuren: Annales du Musée Royal de l'Afrique Centrale, 265-270.
- NKABUWAKABILI A. (1986). *Esquisse de la langue boa*.
- NSUKA-Nkutsi Francois (1980). *Quelques réflexes du proto-bantu en punu*.
- NSUKA Nkutsi, François (1990). "Note sur les parlers teke du Zaïre", *Pholia* 5:147-173.
- NURSE & HINNEBUSCH 1993, *Spirantization in Chaga*.
- NURSE, Derek & PHILIPPSON, Gérard (1975). *The Tanzanian Language Survey - TLS*.
- NURSE Derek & ROTTLAND Franz, (1991-1992). *Sonjo : description, classification, history*.
- NIYIBIZI Shadrack Mutwaranyi, (1987). *Esquisse structurale du sengele*.
- NZANG-BIE Yolande, (1989). *Eléments de description du mmaala. Langue bantue de zone A*.
- ODDEN, David (1996a). "Tone: African languages", in J.A. Goldsmith, Ed. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge: Blackwell Publishers. 444-475.
- ODDEN, David (1996b). "Patterns of Reduplication in Kikerewe", *OSU Working Papers in Linguistics*, 48: 111-149
- OLIVIER, Jako (2006). *Online English-Sesotho-English Dictionary*. 82 p.
- OLSON Howard S. (1964). *The Phonology and Morphology of Rimi*.

- ONDO-Mebiame Pierre, (1992). *De la phonologie à la morphologie du fang-ntumu parlé à Aboumezok (bantu A75)*.
- PAKIA, Mohamed (2005). *African traditional Plant Knowledge today: an ethnobotanical Study of the Digo at the Kenya Coast*. Dissertation. University of Bayreuth. 212 p.
- PALUKU M. 1991. *Lexique kitalinga-français, français-kitalinga*. Ms. Tervuren: MRAC.
- PARKER E. (1981). *Some aspects of the phonology of Mundani*.
- PARKER Elizabeth, (1989). *Le nom et le syntagme nominal en mundani*.
- PAULIAN C. (1975). "Le kukuya, langue teke du Congo". Phonologie. Classes nominales. Paris: Bibliothèque de la SELAF 49-50.
- PEARSON, Emil (1969). *Ngangela-English Dictionary*. Cuernavaca, Mexico: Tipográfica Indígena Domingo Diez. 216 p.
- PEREIRA do Nascimento J. (1894). *Grammatica do Umbundu ou Lingua de Benguella*.
- PHILIPPSON, Gérard & Gilbert Puèch (1996). *Tonal Domains in Galwa*. Unpublished. 46 p.
- PHILIPPSON G. (1984). Gens des bananeraies. Contribution linguistique à l'histoire culturelle des Chaga du Kilimandjaro, Tanzanie. Paris: Editions Recherche sur les Civilisations, cahier n° 16.
- POLAK-BYNON, Louise (1978). *Lexique Shi-Français suivi d'un index Français-Shi*. Tervuren, Belgique: Musée Royal de l'Afrique Centrale. 112 p.

- POULOS G. & MSIMANG C.T. 1998. *A Linguistic Analysis of Zulu*. Cape Town: Via Afrika.
- POULOS George & Louwrens Louis J. (1994). *A linguistic analysis of Northern Sotho*.
- PRITTIE, Rebecca (2002a). *Grammar Sketch of Nulibie*. Cameroun: SIL. 20 p.
- PRITTIE, Rebecca (2002b). *Nuasue-French-Nuasue*. Lexicon. SIL Cameroon. 75 p.
- PRICE, Thomas (?). *A short english -Nyanja vocabulary*.
- PUECH, Gilbert (1989). "Les constituants suprasyllabiques en shiwe [osieba]", *Pholia*, 4: 217-228.
- QUINTÃO Jose Luis, (1917). *Gramatica Xi-Ronga (Landim)*.
- QUINTÃO Jose Luis, (1951). *Dicionarios Xironga-Português e Português-Xironga*.
- REKANGA Jean-Paul, (1987). Pour une certaine lecture morphosyntaxique du chant 11 du Mvet de Zwé Nguéma: le fanf et la grammaire générative et transformationnelle.
- REKANGA J.P. (1989). Essai de grammaire gunu (langue bantoue du Cameroun A62). Mémoire. Bruxelles: ULB. Rekanga Jean-Paul, (2000-2001). Essai de grammaire Himba (langue bantoue du Gabon, B36).
- REKANGA, Jean-Paul (1994). "Les réflexes du protobantou en myene-nkomi, langue bantoue du Gabon (B11e)", *Africana Linguistica* 11, Tervuren: Annales du Musée Royal de l'Afrique Centrale, 149-168.
- REKANGA, Jean-Paul (2007). *Lexique Wumvu*. Libreville, Gabon: GRELACO – Université Omar Bongo.

- REKANGA, Jean-Paul (2009). Aspects Phonologiques du Wumvu de Malinga. Libreville, Gabon: GRELACO – Université Omar Bongo. 107 p.
- RENAUD Patrick, (1976). *Le bajele: phonologie, morphologie nominale - volume 1 Phonologie.*
- RICHARDSON Irvine & MANN W.M. (1966). *A vocabulary of Sukuma.*
- ROBINSON Clinton D.W. (1984). *Phonologie du gunu, parler yambassa (langue bantue du Cameroun).*
- RODE
GEM, F. M. (1970). “Syntagmes complétifs spéciaux en rundi”, *Africana Linguistica* 4, Tervuren, Belgique: Musée Royal de l’Afrique Centrale, 167-181-208.
- ROEHL Karl, (1911). *Versuch einer systematischen Grammatik der Schambalasprache.*
- ROOD, N. (1958). *Dictionnaire Ngombe-Néerlandais-Français. Tervuren, Belgique: Annales du Musée Royal du Congo Belge. 414 p.*
- ROSSEL Gerda, (1988). *Een schets van de fonologie en morphologie van het Cigogo gevolgd door een Cigogo-Engels en Engels-Cigogo woordenlijst.*
- RURANGWA I.M. (1982). *Eléments de description du ngungwel. Langue bantoue du Congo. Mémoire. Bruxelles: ULB.*
- RUTINIGIRWA Kahinyuza (1975). *Esquisse grammaticale de la langue lele. A vocabulary of Sukuma.*
- RUTTENBERG P. s.d. *Lexique yaka-français, français-yaka. Kinshasa: BP 7.245.*
- RYCROFT David K. (1981). *SiSwati-English.*

- SACLEUX Ch. (1939-1941). *Dictionnaire swahili-francais*. 2 vols.
- SANDERS, W. H. (1885). *Vocabulary of the Umbundu Language: Umbundu-English and English-Umbundu*. Boston: Beacon Press. 76 p.
- SASSUCO, Daniel Perez (2008). *La Forme nominale, Verbale et Syntaxe du Cokwe, Langue Bantu de l'Angola*. Dissertation de Master. Universitat Autònoma de Barcelona. 299 p.
- SCHADEBERG, Thilo C. (1986a). "Tone cases in Umbundu", *Africana Linguistica* 10, Tervuren: Annales du Musée Royal de l'Afrique Centrale, 423-448.
- SCHADEBERG, Thilo C. & Francisco Ussene Mucanheia (2000). *Ekoti: The Maka or Swahili Language of Angoche*. Köln: Rüdiger Köppe Verlag. 272 p.
- SEIDEL A. (1898). *Grundriss der Wa-Ruguru-Sprache*. Berlin: Die Mittleren Hochländer des nördlichen Deutsch-Afrika.
- SHEKA-Loyowa, (1985). *Lexique comparé de langues de la zone C*.
- SILVA, Antônio Joaquim da (1966). *Dicionário Português-Nhaneca*. Instituto de Investigação Científica de Angola.
- SMITH, Edwin W. (1907). *A Handbook of the Ila Language, commonly called Seshukulumbwe*. Oxford University Press. 531 p.
- SPA, Jaap J. (1973). "Traits et Tons en Enya". Tervuren. MRAC.
- SPA, Jaap J. (1975). "Vocabulaire enya", *Africana Linguistica* 6, Tervuren, Belgique: Musée Royal de l'Afrique Centrale, 159-185
- SPISS C. (1900). *Kihehe-Wörter-Sammlung*.

- STAPPERS, Leo. (1964). *“Morfologie van het Songye”*. Tervuren. MRAC. Ann. Ling. 51.
- STAPPERS, Leo (1971). *“Esquisse de la Langue Lengola”*, *Africana Linguistica* 5. Tervuren, Belgique: Musée Royal de l’Afrique Centrale, 255-307.
- STAPPERS, Leo (1973). *“Esquisse de la Langue Mituku”*. Tervuren, Belgique: Musée Royal de l’Afrique Centrale.
- STAPPERS Leo, (1986). *Kanyok, eine Sprachskizze*.
- TASSA Okombe-Lukumbu Gaspard, (1994). *“Esquisse de description phonétique, phonologique et morphologique du tofoke (C53)”*.
- TAVARES, José Lourenço (1915). *Gramática da Língua do Congo (Kikongo): Dialecto Kislongo*. Loanda: Imprensa Nacional de Angola. 182 p.
- TAYLOR, Charles (1959). *Kiga-Nkore Wordlist (12.500 items)*. *The Tanzanian Language Survey – TLS*.
- TEIL-DAUTREY, Gisèle (1994). *Basaa Basic Vocabulary*. 11 p.
- TEIL-DAUTREY, Gisèle (?). *Asu Basic Vocabulary*.
- TEIL-DAUTREY, Gisèle (?). *Nyamwezi Basic Vocabulary*.
- TEIL-DAUTREY, Gisèle (?). *Bemba Basic Vocabulary*. 12 p.
- TEIL-DAUTREY, Gisèle (?). *Bukusu Basic Vocabulary*. 18 p.
- TEIL-DAUTREY, Gisèle (?). *Gciriku Glossary. from Möhlig & Shiyamberema (2005) A Dictionary of the Rumanyo Language*. 14 p.
- TEIL-DAUTREY, Gisèle (?). *Online Tswana wordlist [419 entries]*.

- TEIL-DAUTREY, Gisèle (?). *Liste lexicale du Lega*. 12 p.
- TEIL-DAUTREY, Gisèle (?). *Koyo Basic Vocabulary*. 12 p.
- TEIL-DAUTREY, Gisèle (?). *Yao P21 Vocabulary*. 12 p.
- TIRRONEN Toivo E.(1986). *Ndonga-English Dictionary*.
- THOMAS Jacqueline, (1974). *Questionnaire atlas linguistique (QIL) : bisòdò*.
- THOMAS J.M.C., Bahuchet S. & Epelboin A. 1993. *Encyclopédie des Pygmées Aka (4 vol.)*. Paris: Editions Peeters.
- THOMAS, Jacqueline M.C. & Luc Bouquiaux (1977). “Une aire de génération de tons en Afrique Centrale : Problèmes tonals dans quelques langues oubanguiennes et bantoues périphériques”, *Actes du Deuxième Colloque de Linguistique Fonctionnelle (Clermont-Ferrand, 22-25 juillet 1975)*. 201-224.
- TOBIAS G.W.R. & Turvey B.H.C. (1976). *English-Kwanyama Dictionary*.
- TORONZONI Ngama-Nzombio Tra Ndele, (1985). *Description du bómboma, langue bantoue de zone C*.
- TORREND J. (1967 (1931). *An English-Vernacular Dictionary of the Bantu-Botatwe dialects of Northern Rhodesia*.
- TUCKER A.N. (1960). *Notes on konzo*.
- TURNER Y. (1952). *Tumbuka-Tonga english dictionary*.
- TURVEY B.H.C., Zimmerman W. & Taapopi G.B. (1977). *Kwanyama-English Dictionary*.

- TWILINGIYIMANA, Chrysogone (1984). *Elements de Description du Doko*. Sciences Humaines, 116. Tervuren, Belgique: Musée Royal de l'Afrique Centrale. 109 p.
- TYLLESKÄR Thorkild (1987). *Phonologie de la langue Sakata (BC 34) Langue bantue du Zaïre Parler de Lemvian Nord*.
- VAN ACKER, Auguste (1907). *Dictionnaire Kitabwa-Français et Français-Kitabwa*. Bruxelles: Annales du Musée du Congo.
- VAN AVERMAET E. & Mbuya Benoît, (1954). *Dictionnaire kiluba-français*
- VAN DE VELDE, Mark (2006). "The alleged class 2a prefix bO in Eton, a plural word", in Rebecca T. Cover & Yuni Kim, eds. *Proceedings of the Berkeley Linguistic Society 31st Annual Meeting. Special Session on the Languages of West Africa*. 119-130.
- VAN DER VEEN, Lolke J. (1991a). "*Etude dialectométrique et lexicostatistique du groupe B30, Gabon*", *Pholia*, 6: 191-218.
- VAN DER VEEN, Lolke J. (1991b). "Le système tonal du ge-via, Gabon", *Pholia*, 6: 219-257.
- VAN DER VEEN, Lolke J. (1991c). *Etude comparée des parlers du groupe okani B30 (Gabon)*, Thèse. Lyon, France: Université Lumière Lyon 2. 469 p.
- VAN EVERBROECK, René (1985). *Dictionnaire Lingala-Français et Français-Lingala*. Kinshasa: Editions l'Epiphanie. 358 p.
- VAN HILLE M. 1989. *Eléments de description du syntagme nominal en puku, langue bantoue de zone A*. Mémoire. Bruxelles: ULB.
- VAN LEYNSEELE Hélène, (1977). *An outline of Libinza grammar Leiden (Rijksuniversiteit te), mémoire*.

- VAN WARMELO N.J. 1937. *Tshivenda-English Dictionary*. Pretoria: Dept. of Native Affairs, Ethnological Publications, 4.
- MEINHOF Carl & van Warmelo N.J. (1932). *Introduction to the Phonology of the Bantu Languages being the english version of 'Grundriss einer Lautlehre der Bantusprachen*.
- VANDERMEIREN J. (1913). *Vocabulaire kiluba hembra-francais, francais-kiluba hembra*.
- VANHOUDT Bettie & Soky Mantoley Jérôme, (1998). *Lexique leke (bomitaba)-français*.
- VANSINA, Jan (1959). *Esquisse de Grammaire Bushongo*. Tervuren, Belgique: Annales du Musée Royal du Congo Belge.
- VELTEN C. (1899). *Die Sprache der Wahehe*.
- VIEHE, G. (1897). *Grammatik des Otjiherero nebst Wörterbuch*. Stuttgart. (Lehrb. SOS, 16). 160 p.
- VOELTZ Erhardt F.K. (1982). *Petit lexique baloi-français-baloi*.
- WALKER André Raponda, (1933). *Les néologismes dans les idiomes gabonais*.
- WALKER André Raponda, (1963). *Toponymie de l'estuaire du Gabon et de ses environs*.
- WALKER A. Raponda 1961. *Dictionnaire Français-Mpongwe suivi d'éléments de grammaire*. Brazzaville: Imprimerie Saint-Paul, Mission catholique.
- WENDO N. 1986. *Dictionnaire français-yansi*. (Rép. du Zaïre). Bandundu: CEEBA, Série III, Vol. 14.
- WERNER Alice, (1901). *A vocabulary of the Lomwe dialect of Makua (Mozambique)*.

- WESTPHAL E.O.J. 1958. *Kwangari, an index of lexical types*. London: School of African and Oriental Studies.
- WESTPHAL E.O.J. (1961). *Olunkhumbi vocabulary*.
- WESTPHAL E.O.J., Notshweleka M. & Tindleni S.M. (1967). "Tonal Profiles of Xhosa Nominals and Verbo-Nominals".
- WHITE C.M.N. (1957). *A Lunda-English vocabulary*.
- WHITEHEAD John, (1899). *Grammar and dictionary of the Bobangi language, as spoken over a part of the Upper Congo West Central Africa*.
- WYNNE R.C. (?). *English-Mbukushu Dictionary*
- YENGUITTA C. 1990. *Approche phonologique du ibwiisi (parler bantu du Congo) B45*. Mémoire. Brazzaville: Université Marien Ngouabi.
- YUKAWA, Yasutoshi (1987). "A tonological study of Luvale verbs", in Y.
- YUKAWA, Ed. *Studies in Zambian Languages*. Vol.1. Bantu Linguistics. Tokyo. ILCAA. 1-33.
- YUKAWA Yasutoshi, (1987). *A tonological study of Mwenyi verbs*.
- YUKAWA Yasutoshi, (1989a). *A tonological study of Nyiha verbs*.
- YUKAWA Yasutoshi, (1989b). *A tonological study of Makonde verbs*.
- YUKO, Abe (2006). *A Bende Dictionary*. Bantu Vocabularies Series, 13. ILCAA. Tokyo University of Foreign Studies. Online. 175 p.
- ZAVONI Ntondo (2003). *Eléments de Description du Ngangela*. Lyon, France: Université Lumière. INTRODUÇÃO 19 p.

- ZAVONI Ntondo (2006). *Morfologia e Sintaxe do Ngangela*. Coleção Universitária: Série Lingüística. Luanda: Editorial Nzila. 225 p.
- ZAVONI, Ntondo (2007). “A Coabitação linguística em Angola: Diálogo vs. Conflito”. Mimeo. 15 p.
- ZIERVOGEL D. (1954). *The Eastern Sotho. A tribal, historical and linguistic survey of the Pai, Kutswe and Pulana Bantu tribes*.
- ZIERVOGEL D. (1952). *A grammar of Swazi (siSwati)*.
- ZIERVOGEL D., Lombard Daniel P. & Mokgokong P.C. (1969). *A Handbook of the Northern Sotho language*.
- <http://www.websters-online-dictionary.org>.
- <http://www.docstoc.com/docs/49358292/NIGER-CONGO-LANGUAGES>
- <http://www.docstoc.com/docs/49358292/NIGER-CONGO-LANGUAGES>
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bantu_expansion
- <http://www.realmagick.com/bantu-language/>
- <http://www.marcospaiva.com.br/localizacao.htm>
- http://www.sil.org/SILSR/2002/016/bantu_map.htm
- http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_bant%C3%B3ides
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Elefante-africano> (acesso em 29/04/2011)
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/B%C3%Bafalo> (acesso em 29/04/2011)
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Girafa> (acesso em 29/04/2011)
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/hipopotamo> (acesso em 29/04/2011)
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/rinoceronte> (acesso em 29/04/2011)